

Coletânea de Contos

2015



CASA NICOLAU VERGUEIRO

Dinair Fernandes Pires | ORGANIZADORA



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[...] todos se encantavam com a maneira de seus escritos. Palavras pobres, cheias de espírito. Com estilo simples, revisitava altos de seu viver. Deixou escapar entre vírgulas e pontos o amor que pretendia.

Agostinho Both

Quando a tempestade passou... foram minutos... que pareceram horas... as pessoas começaram a sair de seus abrigos e uns a ajudar os outros numa interação humana profunda, digna e de sorrisos e lágrimas...

Carlos Job

Ser chamada de Maria Queixuda é coisa antiga. Desde criança ouvi que eu era um monstro: feia, baixinha, negra, miserável e queixuda. Isso eu fui. Não sou burra. Aprendi a ler e recolhi muitos jornais e livros. Li de tudo.

Sueli Gehlen Frosi

Tudo tão estranho, sem rimas, sem poesia, sem amor.

Rosane F. de Souza

O amigamento durou meio ano, talvez meses, algumas semanas, quiçá dias, mas o suficiente para torná-lo um escravo de sua presença.

Miguel Guggiana

COLETÂNEA DE CONTOS



Dinair Fernandes Pires

ORGANIZADORA

COLETÂNEA DE CONTOS
2015

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2015

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença [Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3,0 Não Adaptada](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/nao-adaptada/).

Para ver uma cópia desta licença, visite: creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para: Creative Commons, 444 - Castro Street, Suite 900 - Mountain View - Califórnia, 94041, USA.

Capa: Arte no muro dos alunos da Faculdade de Artes e Comunicação da UPF.

Ilustração da capa: mural de Valiana B. Fontana

Organização e Revisão: Dinair Fernandes Pires

C694 Coletânea de contos [recurso eletrônico] : 2015 / Dinair
Fernandes Pires (org.). – Passo Fundo : Projeto Passo
Fundo, 2015.
1,55 Kb ; PDF.
ISBN 978-85-8326-147-6

Modo de acesso: World Wide Web: <[http://www.
projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Pires,
Dinair Fernandes, coord. II. Título.

CDU: 869.0(81)-34

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

NOTA DA ORGANIZADORA

Selecionar, organizar e compartilhar contos pelo Projeto Passo Fundo é transitar numa roda de “causos” relatados por pessoas especiais, criativas e com peculiaridades inéditas. Ora estamos diante de uma rebuscada e austera linguagem, ora nos deparamos com uma simplicidade de palavras que transbordam espiritualidade e requinte. São dezoito contadores que aguçam a nossa imaginação, ampliam conhecimentos e acordam lembranças.

Saímos de uma escaramuça para adentrarmos num amor tardio e, embalados por histórias de ninar, espiamos indiscretamente o álbum de uma senhorinha. Perdidos em meio a livros e lombadas, buscamos o elixir da verdade e, descansando num sábado caipira, nos assustamos com a Maria Queixuda. Assim a roda anda, até que uma carta secreta repleta de aventura quebra o que é rotineiro e nos conduz a uma planície de batalha trágica e sangrenta. O silêncio se instala... Valsa de passagem... É noite na Academia, e se reforça o convite para uma nova viagem. O semeador, a morte do Otacílio, nessa ou em outra dimensão, causam sobressaltos ao falarem na alma, cujo limite é a vida. Afogados nos sonhos, nas lembranças ou nos devaneios, chegamos num tie-break de escolhas para seguir em frente.

Fica aqui o convite para que muitos escritores e leitores venham participar e ampliar essa roda.

Dinair Fernandes Pires
(Organizadora)



SUMÁRIO

CONTOS AMARELADOS 11

GABRIEL BASTOS **13**

ARTHUR SUSSEMBACH **15**

CONTOS MATIZADOS 25

AGOSTINHO BOTH **27**

PEDRO DU BOIS **32**

CARLOS JOB **36**

PAULO MONTEIRO **40**

ANTONIO CABRAL FILHO **43**

SUELI GEHLEN FROSI **46**

RANI **51**

PABLO CASCADENOZ **59**

MARCELO DE SOUZA **61**

JÚLIO PEREZ **63**

LEON NUNES **70**

MARCELO HENRIQUE NOAL **72**

MIGUEL GUGGIANA **82**

ROSANE F. DE SOUZA **92**

GABI KIRINUS **95**

MOACIR LUIS ARALDI **96**

APRESENTAÇÃO

*“Me pediram pra deixar de lado toda a tristeza,
pra só trazer alegrias e não falar de pobreza.
E mais, prometeram que se eu cantasse feliz,
agradava com certeza. Eu que não posso enganar,
misturo tudo o que vivo”. (Terra Plana, Geraldo Vandré)*

Contos são pequenas histórias disparadas em única versão. Nada que ultrapasse o momento do acontecimento, seja triste ou alegre, pobre ou rico, feliz ou não. Agradarem os textos aos leitores depende – sempre – de o autor não os querer enganar ao misturar tudo o que ambos vivem.

Assim os textos desta Coletânea, mistura de culturas através das histórias neles contidas na visão e vivência dos autores no igualar causas-consequências e/ou consequentes causas presentes na criação e desenvolvimento dos enredos.

Ninguém melhor do que quem conta histórias para misturar dor e amor, lembrança e saudade, curiosidade e respeito. Parcerias incontáveis sussurram, dizem, gritam (suas) verdades. Aos leitores cabe interagir com personagens e paisagens incontáveis no que os escritores não sonham: início, meio e fim, pois, na finalidade de cada conto residimos todos. Não há texto que não rememore experiências íntimas em nossas personalidades.

O Projeto Passo Fundo vem se notabilizando por suas Coletâneas, contendo textos lá publicados virtualmente,



disponibilizados graciosamente por autores desinteressados da fragilidade gloriosa dos best-sellers, já que nosso mercado editorial é parco e pobre em oportunidades aos escritores: mero comércio. O Projeto é janela de escape e entrada para quem deseja disponibilizar seus textos, contos, no caso, à leitura geral. Espaço onde encontramos novidades literárias, mesmo que contidas no esforço pessoal de cada escritor. Muitas vezes questiono sobre os demais escritores argentinos em função da grandeza Borgeana ou de Cortázar; literatos que ficaram à margem em função dos dois. Seriam menores que eles, da mesma estatura ou até maiores? Nunca saberemos, a poeira por eles levantada nas estradas pampeanas foram de tal monta que os deixaram invisíveis aos leitores.

Não há crítica – no sentido acadêmico – a fazer sobre os textos presentes nesta Coletânea, fruto da expressão de cada um dos autores ao disponibilizarem em curtas histórias suas visões literárias. No que se saem muito bem (sem falsa modéstia ou cabotismo, obrigado-me a acrescentar), pois, transmitem aos leitores graciosos, deliciosos, fundamentados, pertinentes e tantos outros positivos adjetivos em contos que, com certeza, serão do agrado de todos.

Pedro Du Bois
escritor

CONTOS AMARELADOS

(antigos, guardados, zelados, requintados)
(contos antigos)

NO ÁLBUM DA SENHORINHA EDITH PINTO DE ALMEIDA

Gabriel Bastos / 1926¹

Em velhos tempos, quando a mocidade floria a minha idade, eu tangia a lira, então de harmoniosas cordas! Hoje, quebradas essas fibras queridas, a lira só tem sons lúgubres como ciclo dos ciprestes, como o toque de finados! É que hoje, não mais a inspiração dos tempos de moço dá vigor ao velho poeta: moço – canta-se o amor, a primavera, o riso e as flores; velho – são as elegias, as nênias que surgem à primeira inspiração... É que das proximidades dos túmulos, a alegria e a vida fogem espavoridas...

...– Que? – Para onde vamos? – Então no mimoso escrínio de belas dedicatórias, onde se exalçam a beleza e a bondade da mimosa jovem, dona deste delicado volume, se deixa a impressão da tristeza e da mágoa? – Não!...

Deixemos da velhice os tristes pensamentos
E sejamos moço, ao menos uns momentos;
Velho, na prova tristonha...
E moço – poeta que sonha!

1 Comerciante, político e escritor. Santa Maria, 09/01/1859/, Passo Fundo, 25/07/1950. Transferiu-se para Passo Fundo em 1885. Retornou a Passo Fundo em 1902, quando prosseguiu com suas atividades comerciais no ramo da indústria madeireira. Foi presidente do Conselho Escolar Municipal em 1903 e entre 1908-1912 e 1920-1924 foi vice-intendente. Membro do Clube Pinheiro Machado, hoje Academia Passo-fundense de Letras. Residia na esquina da avenida Brasil com a rua Quinze de Novembro, frentes Sul e Oeste.



ESCARAMUÇA

Arthur Sussebach / 1952²

Foi numa noite de natal, no longínquo ano de 1925 ou 26. Era uma noite serena e enluarada e, apesar da agitação existente noutras paragens, motivada pela mudança de govêrno, - passagem da presidência de Bernardes para Washington Luís - na localidade de Capoeirinha tudo era paz e sossêgo.

Em casa de seu Germano Schmidt, um dos mais abastados comerciantes das redondezas, em virtude de ser êsse cidadão de sangue germânico e, conseqüentemente, fiel às velhas tradições cristãs, festejava-se a data com um baile. Quer dizer... baile, mesmo, não era: uma reuniãozinha em família.

A música era um indiscreto e barulhento gramofone; e discos, já muito esfolados, eram na sua maioria gravações da "Casa A Elétrica" de Pôrto Alegre e da "Casa Edison", do Rio de Janeiro: mazurcas, chotes, polcas, havaneiras, tangos, valsas vienenses e uma que outra gravação do saudoso Zequinha de Abreu e de Dante Santoro.

² Em Passo Fundo, chegou em 1950, identificou-se logo pelas suas produções jornalísticas e literárias. Colaborava assiduamente em vários jornais e revistas. É poeta e tem 2 obras escritas e foi membro da Academia Passo-Fundense de Letras.



Os convivas eram alguns rapazes e prendas da vizinhança. Alguns dos rapazes ostentavam botas e bombaxas e outros, colarinho e gravata; e as moças, na sua quase totalidade, vestidos de sêda fulgurante e etamines, floreadas ...

Enquanto a mocidade se divertia, num canto da sala os velhos rememoravam fatos dos tempos passados e sorviam um gostoso chimarrão.

O baile começara cedo: às oito horas já rodopiavam os pares na sala, ao som das arcaicas polquinhas e das velhas sempre gostosas valsas vienenses e tangos argentinos.

Dona Amália, a dona da casa, trabalhava afanosamente no preparo do café para os convidados e amigos da casa, enquanto o filho mais velho do casal manobrava a manivela o fonógrafo, introduzindo nêle o níquel de um tostão e fazendo a mudança dos discos.

Os rapazes, todos de família, como diziam, por respeito dono da casa, espontâneamente fizeram entrega dos seus revólveres ao seu Schmidt e divertiam-se despreocupadamente.

De súbito ouviram ao longe, vindo do rumo da estação Viação Férrea, distante cêrca de meia légua, uma série de estampidos.

Como Dona Eugênia, espôsa de um fazendeiro daquelas paragens, estivesse de aniversário nesse dia, tão logo alguns assomaram às janelas, prosseguiu o baile.

- Ora, exclamou alguém, isso é uma surprêsa lá no velho Izaltino! A Dona Eugênia tá de anos e foi assaltada, chomico!... Siga o baile!



Passado êsse breve susto, a convite de Dona Amália, dirigiram-se todos os convivas e pessoal da casa para a varanda, onde estava sendo servido o café com cucas e doces feitos especialmente para a ocasião.

Mais ou menos uma hora após, quando as danças iam animadas, nova e maior descarga: cêrca de cinquenta tiros foram ouvidos, mas desta vez já na frente da casa. A princípio, como parecesse natural por ser um dia festivo, julgou a maioria tratar-se de um assalto com o fito principal de comerem alguma novilha gorda do seu Schmidt. Uma surprêsa, como diziam. Outros nem siquer tiveram tempo de pensar em nada, tão rápida se desenrolou a cena.

Um irmão de Dona Amália, que se encontrava na ocasião de visita, manuseou uma acetilene de carbureto e rumou em direção à porta da frente. Passando a acetilene às mãos da irmã, exclamou:

- Toma, pega aqui a vela que eu vou furá essa surpresa!... Empunhou o seu trinta niquelado e tentou descer a soleira da porta, quando foi barrado por um indivíduo bastante idoso e grisalho que lhe encostou a baioneta no peito, rosnando que nem cão quando se apossa de um osso:

- Quem sê home não se chegue na porta!

Com aquela estranha "surprêsa", seu Miloca recuou, empurrou Dona Amália para o interior da casa e exclamou meio que balbuciando:

- Criatura de Deus! São revoltosos! Avisa o Germano pra que tranque as portas da venda e faça pela vida! O restante do pessoal que se ajeite como puder!

Seu Schmidt, ante a perspectiva de ver sua casa assaltada por aquela corja de desordeiros, tratou de lançar



mão num pacote de dinheiro que guardava num baú de madeira, no quarto de dormir, - uns cinco ou seis contos de réis - entregando-o à Dona Amália para que ela o escondesse nalgum lugar seguro.

O primeiro ímpeto de seu Schmidt foi o de fazer frente aos cangaceiros; mas, em seguida lembrou-se que os rapazes com quem podia contar para a luta estavam todos desarmados.

Dona Amália, meio atarantada, correu em direção ao pátio para esconder o pacote. O primeiro objeto que ela viu foi um velho urinol furado, atrás de um pilão de socar quirera. Não hesitou. Ali mesmo escondeu o envelope com o dinheiro.

O mulhério correu célere para os quartos, numa debandada que mais parecia um estouro de tropa do que sêres humanos. Trancaram-se por dentro, umas gritando e outras chorando copiosamente.

Algumas delas, as mais atiladas, refugiaram-se no mato, estrebarias dos cavalos, no galinheiro, nas bananeiras... A correria e o desespero foram simplesmente indescritíveis.

A rapazeada nem sequer teve tempo de resgatar seus revólveres que se achavam sob a guarda do chefe da casa. Alguns dêles haviam deixado os cavalos atados às árvores, frente da casa; mas, como esta estivesse, por assim dizer, sitiada, limitaram-se a fazer uso da arma do caramujo: invadiram os fundos, embrenharam-se no mato, no arvoredado, estrebarias, e até no interior das encerras dos porcos ia gente escarrapachada que nem lagarto fugindo de lixiguana...



Caixas de abelhas do colmeal do seu Schmidt foram viradas e arrastadas pela turba. Foi um Deus nos acuda!...

Por sorte tôda a correria não durou mais do que uns dez minutos. Tão logo passaram aquêles momentos de alvorôço começaram a se agrupar os fugitivos nos fundos da casa, alguns ainda ofegantes que nem ovelhas assoleadas à procura sombra em dia de canícula.

Teciam ali os mais variados e descontraídos comentários. Uns procuravam adivinhar quem eram os homens; outros afirmavam que haviam conhecido alguns deles, e terceiros contavam, em meio de chistosas e estridentes gargalhadas, nos seus mínimos detalhes, o que lhes ocorrera durante a confusão.

Ao longe ainda se ouviam brados dos revoltosos que seguiram, pela estrada real, rumo ao município de São Sepé.

"Viva o Zeca Netto! Viva o Assis Brasil! Morra o Chimango!..."

- Eu acho que é o Sérgio Ventura, dizia um.

- Pois eu tenho a certeza que são os Guedes, aparteava o outro.

- São os Guedes, sim, afirmou Dona Amália. Aquêles disse que "quem sesse home não se chegasse na porta", era o João Guedes! Êsses ordinários, quando não têm dinheiro e querem encher as malas pra matar a fome, agarram-se com a gente... e depois vêm pregar um susto dêsses:

O baile, em face do susto por que todos passaram, não prosseguiu. Foi o mesmo que despejar água fervendo num formigueiro.

Dos cavalos que os rapazes haviam deixado na



frente casa, só ficaram uns tocos de cabrestos amarrados às arvores... Um dos animais era de propriedade do seu Schmidt: achava-se em poder do domador que lhe vinha dando os últimos galopes. Outros dois eram uns pilungos sem serventia alguma, mas mesmo assim os revoltosos os levaram por diante, pois poderiam servir para mais algum voluntário que viesse a se incorporar às fôrças e que não dispusesse de montaria.

Por sorte a casa não chegou a ser arrombada e nada fôra levado pelos trabuzanas além dos três animais. Dizam convictas as mulheres que as suas rezas haviam ajudado...

No dia seguinte os comentários eram os mais descontraídos. Foi-se saber que na estação ferroviária eles haviam cortado os fios do telefone e do telégrafo, a fim de que ninguém pudesse entrar em contato com a subprefeitura do distrito, localizada nas imediações da estação vizinha. O pequeno povoado de Capoeirinha vivera momentos de verdadeiro tumulto: eram homens e mulheres disparando, crianças gritando e chorando, moças desmaiando como se o mundo fosse acabar. Todos haviam sido surpreendidos sem o mínimo comentário prévio, era o que alegavam, pretextando, pois que do contrário teriam se prevenido e feito frente aos homens...

Após o assalto algumas mulheres foram encontradas no meio de um bambuzal que margeia o Vacacaí-Mirim, com a água lhes dando quase pela cintura; outras, desmaiadas no interior de um santafèzal, com as saias dos vestidos em tiras; homens empalidecidos, parecendo haverem passado três noites sem pregar olho.

O agente da estação adoeceu: foi acometido de uma forte diarréia que por pouco não o fêz trocar de pontas...



Pelos variados comentários chegaram os moradores de Capoeirinha à conclusão de que efetivamente se tratava dos Guedes, uma família natural do Cerrito do Ouro, que há de dois anos morava perto de Capoeirinha; e que se aproveitavam da situação anormal reinante noutras paragens do Estado para voltarem aos pagos a fim de desferrarem-se de antigos rivais. Comentavam ainda que o velho João Guedes recebera ordens do Sérgio Ventura, um capacho do Zeca Netto, para assaltar a casa de negócio de Germano Schmidt, por ser esta a mais sortida das redondezas, e munir-se do indispensável para a campanha que acabava de empreender... e que o velho Guedes, por pretender voltar a residir na vizinhança, logo após a campanha, não cumprira as ordens emanadas do seu superior, limitando-se a pregar um susto no comerciante e levando somente os cavalos que encontrara a jeito.

Comentava-se ainda que os tais fuzis haviam sido desviados da subprefeitura pelo Anatalício, filho do velho Guedes, o qual, sob o pretexto de desempenhar as funções de inspetor do subdelegado, premeditara a roubalheira de armas e munições.

A verdade é que volta e meia o Anatalício ia à casa dos pais, como para visitá-los, levando consigo uma carabina, uma baioneta, uma caixa contendo pentes de baias, etc. Quando a casa do João Guedes estava transformada numa espécie de arsenal o Anatalício exonerou-se da tal função e voltou a residir com a família, aguardando a oportunidade para agir. E eis que esta chegara.

Uma semana após o assalto em Capoeirinha soube-se em casa do seu Schmidt que as fôrças do João Guedes - um piquete de cêrca de trinta homens armados de fuzis, espadas e alguns facões - haviam sido desbaratadas por



um contingente governista de uns trinta ou quarenta provisórios, lá interior do município de São Sepé ou Dom Pedrito. Espalhou-se a notícia de que o Anatalício fôra encontrado quase morto, com a perna esquerda varada por uma bala de fuzil, três dias após a refrega, nas imediações do local onde se travara o combate. A gangrena já torturava-lhe o pouco de vida que ainda lhe restava. Tudo isto foi mais tarde confirmado, inclusive de que êle fôra levado para um hospital de São Gabriel, onde lhe foi amputada a perna, na altura da virilha.

Era, portanto, o segundo filho do João Guedes que ficava pernetta, pois o Nico, o mais velho e maior dente seco deles, já usava muletas em virtude de também haver perdido a perna direita, em circunstâncias idênticas, na passada revolução de 1924.

A tôdas essas, confirma-se o conhecido provérbio: quem aqui faz, aqui paga!

O velho Guedes, logo depois dessa escaramuça, contraiu uma grave moléstia que o levou para a terra dos demônios...

O Anatalício ficou privado da perna...

O Gentil, neto do velho e que também tomara parte na revolta, foi assassinado pelo próprio tio, o Nico, por questões amorosas...

E o Nico, logo após essa façanha, casou-se em Capoeirinha. Sua mulher deu-lhe três filhos. Passados alguns anos começou a engrajar-se na mulher de um seu cunhado, acabando por pouco ligar a espôsa e viver com ambas, simultâneamente. O pai da sua amante, em face dos comentários que se sucediam, abordou-o um dia,



procurando pôr em pratos limpos a tal história. Contam que o Nico respondeu-lhe que era uma infâmia... que se verdade fosse o que dêle comentava o povo, como castigo queria ver, seus filhos cremados vivos, dentro da sua própria casa...

Os tempos decorreram...

Um dia precisou ir à cidade, a negócios. Quando regressou, qual não foi a surpresa que lhe estava reservada: encontrou a casa em cinzas... e seus dois filhos menores transformados num monte de carvão, em meio dos escombros...

O seu filho mais velho, o Guaraci, com a Idade de dezoito anos foi assassinado pelas costas, num baile, quando tentava forçar o gaiteiro a tocar para êle "passá em revista as prenda do buchicho..."

Façonhas do Nico contam-se diversas. Certa vez matou a tiros um soldado da Brigada Militar que, cumprindo ordens do subdelegado, lhe dera voz de prisão no recinto da estação de Capoeirinha. O patife era pernetá, mas ligeiro no gatilho e veloz como um raio para defender-se das agressões.

Contou êle certa vez que quando cumpria pena na Casa de Correção, em Pôrto Alegre, leu um dicionário de Simões da Fonseca inteirinho, para matar o tempo... O seu maior prazer consistia em matar, fôsse lá o que fôsse.

Até certo ponto serviu-lhe de escola essa estranha leitura, pois que melhor conhecendo o "amansa burro", desde então ficou mais humano, mais civilizado e consta que até amenizou a sua ferocidade.

Os demais membros da turbulenta família, assim como os que tomaram parte nas infrutíferas façonhas dos Guedes, por certo estão, cada um por sua vez, sofrendo o



seu bocado para redimirem-se dos pecados cometidos. Se a justiça dos homens às vezes é falha, a divina poderá tardar mas não deixa de condenar os verdadeiros faltosos! ...

Passo Fundo, julho de 1952.

CONTOS MATIZADOS

(coloridos, misturados, variados, impactantes)

DE UM AMOR TARDIO

Agostinho Both³

Emília, setenta, apreciava comentar sobre si mesma: quero morrer viva! Riam-se todos pela contradição. Ela repetia com mais ênfase: é isso mesmo! Estar por aí incapaz, jamais! Respondia desse jeito aos pobres incautos que debochavam de seus desejos. Ainda mais: vou amar de um amor demais! Mais se riam. E ela deles se ria mais ainda! Nenhum comentário preconceituoso avassalava-a, mostrando que sua verdade ia além da história que a cercava.

Na turma da Universidade Sênior, na qual produzia textos sobre Conversas de Meu Ser, todos se encantavam com a maneira de seus escritos. Palavras pobres, cheias de espírito. Com estilo simples, revisitava eitos de seu viver. Deixou escapar entre vírgulas e pontos o amor

³ Agostinho é autor de diversos livros, além de ter participado de um grande número de artigos em revistas e em capítulos de livros, estes todos de natureza acadêmica. Após a aposentadoria tem o prazer de apresentar romances através dos quais expressa suas opiniões pessoais sobre temas relevantes de nossa cultura. Possui um estilo literário livre de preceitos acadêmicos. Sua bagagem de professor e administrador universitário faz com que penetre com estilo leve e crítico as questões do cotidiano de nossa cultura. Acima de tudo busca uma forma pessoal, advogando a estética em primeiro lugar



que pretendia. Seu primeiro amor se fora aos pedaços e, de forma inconformada, como andorinha ferida. Não se ressentiu tanto que pudessem vê-la debaixo do mau tempo. Posso ser uma onça morrendo, mas ninguém vai me ver sem defesa.

Jesualdo, da mesma turma, adorava conversar com ela.

Após um dos encontros, ela percebeu, no espelho, um brilho e tanto nos olhos. E pelo brilho, desconfiou de seus sentimentos. O que é isso, muié, não me venha dizer que ele tá querendo coisa, ou melhor, a minha coisa. Acho que tá fazendo volta. Vou espiculá. Tomou o chimarrão com um apetite especial. Pondo a bomba na boca, sentiu um calor de lábios espertos. A coisa é séria! Não tenho instrução, acho que é do bem tudo que está chegando.

Mal segurou o tempo de espera. Tava pra lá da palavra que dizia. Barbaridade!, não posso ficar quieta, exclamava. Foi ter no computador pra registrar tudo que lhe vinha. Não comungava da devida expressão gramatical, entretanto, mais que a gramática, trazia-lhe a vida. Chorou a primeira lágrima de carinho. Será que ainda é tempo de ter a minha coisa em algum propósito? Mucho mejor, minha senhora, o que me vem embaixo é o que me faz voar sobre uma montanha. A sobrinha que viera até ela pra tomar chimarrão apreciou de perto o estado diferente que ia nos gestos da tia.

– Parece que tá com o bicho no corpo, tia.

– Ainda não, confessou a velha senhora, sem pensar! Riu alegre do disparate. A Felícia, sobrinha bocuda, abriu uma boca sem reservas, soltando sonoridades.



– Tô vendo que tá dando coisa em tua vida.

– Não, Felícia, tá dando vida em minha coisa.

Mais se riam e de tal modo que a casa quase ruía.

– Coisa boa, tia Emília.

– É mesmo! Veja só, que minhas coxas mal se seguram fechadas! Pior que penso que ainda é pouco. Não tenho vergonha. Meus pensamentos não têm pecado e quero que venham ainda mais.

– Coisa estranha, tia.

– Nada disso, garota. Quem disse que a vida termina? Estou uma lâmpada de querosene nova. Minha lamparina pode se iluminar.

– E os tios Alberto e Otília o que vão achar?

– Não tô nem aí se procurarem e acharem! Tô na minha!

– Que coisa boa, tia Emília. Pena que tudo é tão breve!

– Melhor, garota! Vou tomar o tempo como se fosse um bom vinho. Já tô meio tonta!

Emília não segurava em paz a espera pra aula. Jesualdo pode não ser um Jesus, mas quem sabe pode fazer meu milagre. Quero ver de perto o milagre dele, brincava com a situação.

A professora Helena ouviu de Jesulado do que já não se fazia muito segredo.

– Estou sem jeito, professora, estou tentado de Emília. Não sei como dizer o que sinto.



– Primeiro, Jesulado, não é tentação: depois dos setenta é graça de Deus! Não faça onda, que o tempo não senta pra esperar. Convida ela pro filme que tá passando... tá cheio de carinhos. Depois diga: te amo! Pronto e ponto! Depois só Deus sabe...

Depois da aula foi Emília quem falou pra Helena...

– Olha, prô, tô que tô pro lado do Jesualdo.

– Então tá esperando fazer o vestido de noiva, os proclames, o apoio do papai e o que dizem os filhos?

– Tá bem, prô, também não precisa empurrá pra cima dele.

– Só uma coisa! Comece a fazer as lições. Te emprestei o gravador pra você ver tua fala! As palavras bonitas também mexem com as coisas!

– Tá, bem, pode deixá! Se é pra isso, prometo não vou esquecer nenhum s e nenhum r.

Do resultado não careceria nenhum comentário. Mas pela exuberância valem algumas palavras.

De tanta ventura emiliana, não se sabe se foram as lições que melhoram as suas coisas ou se as coisas melhoraram as lições. Falava escolhendo e escandindo palavras, a ponto de causar grande impressão em Helena.

– Santo Deus, Emília, o que deu em ti?

– Sei não, professora, acho que fui eu quem deu. Leio Pessoa e Drummond e em tudo se me põe uma coisa que se mostra quase perfeita. Estou alucinada, minha cabeça feita de estrelas e desde manhã tenho jornadas. Tudo, professora, está um campo verde, o vale verdeja, e na coxilha cresce



uma pastagem exuberante.

A Jesualdo, o solitário, retornaram palpitações. O cardiologista afirmou-lhe não haver patologia.

Felícia, ainda que tivesse duvidado dos ardores da tia, acreditou que uma revolução se fizera. Tirou a limpo o milagre de Jesualdo. Foi só Emília abrir a boca, risos e outras sonoridades rebentavam no ar.

– Sabe, tia, que achava exagero o que dizia, mas, vendo você falar, acredito no que ouço.

– Podes crer, tu que és jovem, aprenda de uma vez por toda a vida. Nada se perde, tudo se transforma, às vezes pra melhor. É o meu inarredável testemunho. As demandas eróticas não são medidas pela carteira de identidade.

– Por favor, tia, não exagere tanto no português.

– Que posso fazer se minha língua anda desse jeito!

Faltou ar pra todas as sonoridades das duas.

LIVROS E LOMBADAS

Pedro Du Bois⁴

Minha mulher é escritora. Cronista. Gosta de ilustrar seus textos com citações de outros autores, principalmente, poetas. Temos uma boa biblioteca em casa. Muitos poemas.

Sempre que ela escreve uma crônica, pede para que eu encontre nas prateleiras os livros que ela previamente anotou, para as ilustrações. E lá me vou à procura dos mesmos. Um aqui, outro ali, que nossa ordem de guarda não é das mais ortodoxas. Procuramos, pelo menos, separar por gênero literário. Nem sempre funciona.

Noite dessas ela completou a crônica, virou-se para mim e pediu, por favor, alcance-me O Menino Experimental, de Murilo Mendes.

Sou organizado, todos os livros que incorporamos ao acervo são lançados numa tabela virtualmente criada, em

⁴ Poeta e contista. Atualmente residente em Balneário Camboriú, SC. Vencedor do 4º Concurso Literária Livraria Asabeça, categoria poesia, com o livro Os Objetos e as Coisas (Ed. Scortecci); em Portugal, pela Editora Corpos, A Criação Estética; pela Sarau das Letras, Seres; BREVIDADES, 2012, através do Projeto Passo Fundo; editor-autor com diversos livros publicados artesanalmente, com tiragens mínimas, não comercializáveis.



ordem alfabética de autor/obra. Sempre sei o que temos e, inclusive, o que pretendemos ter, via lista de desejos, no site Estante Virtual.

Bem, Murilo Mendes foi poeta, portanto, seu menino experimental deveria estar numa das prateleiras dos livros de poemas. Levantei e comecei a procurá-lo. De baixo para cima, na estante; da esquerda para a direita. Nada, disse a ela. O livro não está aqui. Procure entre os outros gêneros, respondeu-me. Fui. Gênero por gênero, estante por estante, prateleira por prateleira. Nada. Até encontrei um ou outro livro que procurava há mais tempo. Mas, não aquele menino experimental.

Há texto de alguém que, na sua crônica, possa substituir esse do Murilo, perguntei. Não! Preciso d'ó menino...

Talvez não o tenhamos, pensei. Coloquei na tela do computador a tabela e fui até Murilo Mendes, lá estava o menino. Não sou muito confiável nisso de procurar (e encontrar) alguma coisa, objeto, livro, seja lá o quê. Muitas vezes, acabo me passando. É cansativo.

Minha mulher, ante a minha nova negativa, levantou-se – um bocado irritada – e reiniciou a busca. De cima para baixo, da direita para a esquerda; primeiro entre os de poemas, depois, nos romances, contos, crítica, crônicas, história e geografia. Nada.

Nem ela, nem eu conseguimos encontrar o menino de Murilo.

Enquanto conversávamos, lancei os olhos aos livros de poemas e, para minha surpresa, deparei-me com a lombada de um livro que, sei – sabemos, não o tínhamos no acervo. Levantei da cadeira, fui até à estante e peguei o exemplar:



(todos os poemas), de Paul Auster. Engraçado, pensei, sempre quis ter esse livro, mas, por enquanto – e pelo que me consta, minha vontade repousa na lista de desejos do Estante Virtual.

Abri o exemplar e, para aumentar a minha confusão, constatei que o mesmo era do livro Poesia, de Onestaldo de Pennafort. Atordoado, fechei o livro. Na capa, nova surpresa: O nu perdido, de René Char. Raios, o que está me acontecendo. Estou enlouquecendo? Virei a capa para a minha mulher e (quase aos gritos) perguntei, o que está escrito nesta capa? Sonoro, Jorge Salomão, respondeu-me. E, afinal, que confusão você está fazendo, agora? Pois é, estava com o Sonoro, do Jorge Salomão, nas mãos. Olhei para a estante e vi, para meu maior espanto, tanto o Onestaldo, quanto o René.

Tivesse aperitivado uma ou duas doses de uísque, até seria capaz de fazer tamanha confusão. Mas, nem isso. Mero café com leite acompanhado por bolachas. Lanche frugal. Não fumo, não uso drogas. Nem estou senil.

E o menino, minha mulher tornou a perguntar? Não tenho a menor ideia, respondi; você também o procurou e não o encontrou. Devia estar aqui no escritório. Talvez você tenha guardado o livro junto com alguma das anotações que costuma fazer quando da construção dos textos. Negativo, respondeu-me. Meu material de trabalho está aqui sobre a escrivaninha e, com certeza, o menino não está junto com ele.

Curioso, furioso, desnortado, como me sentia, parti para a ignorância, fui retirando um a um os livros das estantes. De baixo para cima, da esquerda para a direita. Lia a lombada, retirava o exemplar, abria e lia o título na página de rosto. Não faça isso, disse minha mulher, é muito



trabalho por nada. Colocarei outra citação no lugar d'ó menino.

Essa não é mais a (minha) questão. Preciso saber que não estou louco ou senil, já que nossa relação o contempla. Amanheço por aqui, mas, encontro esse livro.

Lá pelas tantas, livros espalhados pelo escritório, estantes quase esvaziadas, tinha em mãos o Sonetos a Orfeu, de Rilke. Abri-o e na folha de rosto estava escrito O Menino Experimental, de Murilo Mendes.

Espantado, antes de fechar o exemplar e voltar a ler a capa ou a lombada, olhei para a prateleira e, lá, entre os restantes, estava o Sonetos a Orfeu, de Rilke. Peguei-o quase num pulo. Reli sua lombada, sua capa, abri em sua folha de rosto, todas combinavam: Sonetos a Orfeu.

Aos gritos, chamei minha mulher, que já havia saído do escritório. Olhe que loucura! Um livro de Rilke que vira de Murilo. Um livro de Murilo que se transforma num de Rilke. E passei os dois exemplares para ela.

Sei que estamos com dificuldades para encontrar o menino de Murilo, disse-me, mas, você está fazendo grandes confusões; passou-me dois livros, Sonetos a Orfeu e O Menino Experimental. Não há nada de loucura nisso. Sim, respondi, mas, leia as lombadas, verá que uma delas está com o nome do outro livro.

Olhando-me zombeteiramente, alinhou a lombada e leu: Ficções, Jorge Luis Borges.



HISTÓRIA DE NINAR

Carlos Job⁵

Era uma vez... um lugar longe muito longe... por detrás da verde mata...onde corria um rio caudaloso com uma água azul turquesa.

Lá as árvores eram frondosas, com caules fortes de um marrom acentuado. As folhas tinham tonalidades diversas, nem sempre verdes e que quando floridas tocavam até o coração mais empedernido. Era com certeza, a tal terra de uma floresta encantada!

Quando o sol atravessava as nuvens e chegava às árvores, suas réstias entre as folhas deixava entrever partículas de luz que dançavam no ar. Para um olhar mais atento não restava dúvida. Eram Fadas em seus afazeres. Mas era com a lua cheia que o milagre realmente acontecia... (pelo menos aos olhos humanos). Tinha-se que olhar com a intenção inocente de ver. Apertando os olhos por entre o clarão da lua e o reflexo na terra, via-se com nitidez, Elfos, Silfos e Salamandras cumprindo seus papéis na natureza. Nas gramíneas revoltas como que a balançar por ocasião de

5 Professor, Diretor de Produção Teatral, Contista, Ator de Teatro, poeta estreado. Colaborador do Projeto Passo Fundo. Autor de contos, peças teatrais, poemas. Participou das Coletâneas 2013 do Projeto Passo Fundo.



um vento rasteiro, outra dúvida se dissipava, eram gnomos, duendes e ninfas na razão de suas existências, todos a terra a enfeitar e a cuidá-la e a protegê-la...como toda criatura encantada!

Ao longe, um coração livre de poeiras visuais, facilmente discerniria outra criatura mágica. Um unicórnio a pastar grama matizada e que certamente era a responsável por seu pêlo saudável e por isso sedoso ao toque dum coração puro e sem mágoas!

Para chegar a esta terra, era preciso viajar muitos dias e algumas noites, tinha-se que passar por cachoeiras, árvores imensas, campos floridos. Com sorte era ainda possível ver o lobo guará, uma onça pintada ou um cusco de beira de estrada e até galinha de angola...tudo era possível!

O que sabemos com relativa certeza, é que o tempo se armou ao norte, que é de onde vem as tempestades. Nuvens enormes de cor chumbo, derramaram uma chuva intensa e cada vez mais forte. A cortar o céu coriscos prenunciavam raios e trovões estrondosos, de pôr medo em qualquer criatura. O vento até então calmo, agitou-se em redemoinho de um barulho ensurdecador e os estragos de sua fúria, aos humanos, foi avassaladora.

Aqui entra a história da família de Chiquinho, moradora desta terra e que foi atingida por este cataclisma. A enchente que progredia pela ribanceira, não respeitou propriedade, derrubando galpão, galinheiro, chiqueiro, estrebaria e casa. O pai e a mãe lutaram heroicamente contra a tempestade protegendo Chiquinho para que não se machucasse. No momento crítico, quando água e vento se misturaram os três se mantiveram abraçados.

Quando a tempestade passou...foram minutos...que



pareceram horas...as pessoas começaram a sair de seus abrigos e uns a ajudar os outros numa interação humana profunda, digna e de sorriso e lágrimas...

Foi num desses momentos que Chiquinho choramingou...pois não encontrava seu brinquedo predileto, seu boneco de estimação, presente da dinda...e a conclusão: o vento e a enxurrada o levaram...

Passando já vários dias do acontecido, os pais entristecidos de tudo faziam para que Chiquinho saísse de sua incontida apatia. Nada resolvia e os dias se avolumavam... O menino, para desespero dos pais, deixou de falar, de andar e o olhar estava perdido num nada...a mãe procurou benzedeira, um índio pajé, padre e água benta... nada resolvia. Procuraram médicos do corpo e médicos de alma...nada resolvia!

Ouviram os pais então que em terra distante, a mais ou menos seis léguas...milagre destes que acontecem uma vez na vida e outro na morte, lá se dera...lavradores encontraram em terra quase estéril um totem, quem sabe indígena. Levantaram altar, rezavam missa, via-se milagres noite e dia. A terra frutificava, doenças eram curadas, dizia-se que até cego via a luz do dia...

Os pais de Chiquinho, nesta luta diária, não hesitaram em pegar seu menino e clamaram aos céus um milagre. Caminharam sete dias no sol escaldante, com o menino ao colo, alheio a tudo ao seu redor...chegando junto ao pátio da capela erguida, enfrentaram fila, pois os milagres eram muitos e desesperadas pessoas almejavam tocar a capa ou até a sombra deste achado divino.

E foi subindo degrau por degrau e reza após reza... que a vez desta sofrida família chegou e ao aproximarem



o menino da relíquia é que o milagre se deu. Chiquinho tremendo todo o corpo esguio e balbuciando palavras inaudíveis, ao alcançar a imagem e abraçando-a com fervor soltou um grito reconfortante: "Este santo não é santo, é o Mané Tibiriça!"

Meus caros, conto e reconto esta história de fé e magia. Pois Chiquinho voltou andando para casa e contando suas peripécias pra Mané que atento escutava e volta e meia acenava pra sua Fada Madrinha (o menino era um presente de sua dinda, quando ele ainda era apenas um galho de um angico que a força de um vento antigo derrubou).

Chiquinho e Mané Tibiriçá...criaturas mágicas...não me resta dúvida!

O ELIXIR DA VERDADE

Paulo Monteiro⁶

Professor Pardal, todos o conheciam por esse apelido, ou simplesmente Pardal. Seu nome verdadeiro era quase desconhecido na empresa. Raros colegas faziam questão de chamar-lhe de Aleixo, Aleixo Gutierrez ou simplesmente, O Castelhana, este usado na escola onde estudara. O leitor, sempre perspicaz, já descobriu o motivo do apelido: era o inventor da empresa. Metódico. Sempre residiu num único local: a casa que herdou dos seus pais. Namorou e casou com uma única mulher. O carro, um Fusca, adquiriu há mais de quarenta anos. E assim por diante.

Construiu, nos fundos da casa, um galpão que transformou no seu laboratório. Embora reconhecido por encontrar soluções para os problemas práticos, do dia a dia, o seu forte mesmo eram as descobertas químicas. Especialmente novas bebidas. Naquele dezembro obtivera a aposentadoria

⁶ Escritor, Historiador, membro da Academia Passo-Fundense de Letras e de outras entidades culturais do Brasil e do Exterior. Autor de “Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo” de 2006; “O Massacre de Porongos & Outras Histórias Gaúchas” de 2010; “A Campanha da Legalidade em Passo Fundo” de 2011; “eu resisti também cantando” de 2012. Patrono da 27ª Feira do Livro em Passo Fundo em 2013.



Naturalmente, após completar 35 anos de trabalho ininterrupto na mesma empresa. Estimado por todos os tradicionais festa de amigo secreto seria dedicada a ele. E estavam eufóricos. Pardal anunciou que aproveitaria o ensejo para divulgar seu melhor invento: um vinho sem álcool, um suco. Melhor dizendo: um elixir.

Dito e feito. Providenciou até pequenos cálices. Encheu-os pacientemente, um a um.
– Sirvam-se, meus colegas! Sirvam-se, meus amigos! Mas não bebam antes que brindemos em comum! Cálices cheios, Pardal ergueu o seu e ordenou:
– Brindemos à amizade! Brindemos ao coleguismo! E gritou ainda mais alto:

– À verdade!

Após um unísono:

– À verdade! Seguiu-se um tilintar de vidros.

O Castelhana, discretamente, apenas simulou ingerir o líquido. Queria saborear o resultado do invento.

Seguiu-se um momento de silêncio, quebrado por Januária, a exibicionista.

– Faço questão de revelar meu amigo secreto. É o cara mais ladrão, mais safado que eu conheço. A primeira coisa que ele faz é levar pra cama toda a funcionária nova. Não importa se seja casada, solteira, viúva ou desquitada. Pra ficar na empresa tem de ir pra cama com ele. É o maior sonegador de impostos e negador de impostos que eu conheço. Eu queria lhe dar um par de algemas, mas vou lhe dar uma garrafa de vinho francês porque todos sabem que desde que entrei aqui faço todas as vontades dele.

Foi o caos, o pandemônio, o que você possa imaginar.



Durante horas todos exorcizaram seus demônios interiores, botaram para fora os seus sentimentos. Se desrecalcaram.

E Pardal que ali permanecera imóvel, saboreando os resultados do seu invento não se conteve. Subiu numa cadeira e gritou: – Cala a boca, putedo! Vou revelar meu amigo secreto! Vocês todos são meus amigos secretos. O presente que dei a vocês foi servir o Elixir da V e r d a d e , o invento que eu procurei durante toda a minha vida. E mais: vou revelar a fórmula do Elixir da Verdade.

Parou, respirou fundo. E continuou: - Todos vocês conhecem a expressão “comer bolinha de cinamomo”, significando “dizer bobagem” ou “fazer bobagem”. Pois bem: o que se chama de bobagem, via de regra, é uma grande verdade. Foi exatamente a partir da semente do cinamomo, que produzi o Elixir da Verdade!

E arrematou:

– Feliz Natal e Próspero Ano Novo para vocês que tomaram suco de bolinha de cinamomo!

SÁBADO CAIPIRA

Antonio Cabral Filho⁷

O caipira estava preocupado com o sol castigando a sua plantação e foi conversar com o compadre sobre o seu drama:

- Ô sô! Né q'esse solzão tá matano meu mio e meu feijão! Tinha de dá um pé d'água pra mode sarvá minhas prantas!

- Pois é sô! Já vai umas boa semana sem uma chuvinha, né? Respondeu o compadre em tom de interrogação, pra esticar o fio da meada, e continuou inquirindo o seu amigo:

- Ocê sabe em que dia da semana cê prantou seu mio e seu feijão? Mas o dono da plantação limitou-se a menear a cabeça negativamente. Então o outro prosseguiu seu interrogatório:

- Se ocê prantou de domingo a sexta-feira e ainda mais com esse solzão, pode descansar que não vai dar nada!

Mas o plantador encafifou-se todo e quis saber o que o sol e o dia da semana tinham a ver com o seu milho e o seu feijão, e, olhando sério para o amigo, perguntou:

⁷ Poeta, contista e cronista, dez livros publicados solo e participa de 15 obras coletivas, uma das quais editada pela ALPAS21, além de dezenas de ebooks.



- Mas o quê qui ocê tá querendo mi dizê?!

- Ocê num sabe que existe a lua? Pois é. Explicou o compadre do caipira, que ainda não entendia patavinas do que o outro estava explicando-lhe. E continuou a querela:

- O quê qui a lua tem a ver com meu mio e meu feijão? Interrogou ele meio atordoado, ao que o outro retrucou-lhe:

- Ocê num sabe o dia qui o Sinhô descansou não?!

- Sei! Mas o quê qui isso tem a ver com lua, dia da semana, sol e prantação? Reagiu o pobre caipira, demonstrando irritação.

O seu compadre, mais astuto, foi explicando-lhe, pacientemente, e disse-lhe:

- É que no sábado o Sinhô descansa, num sabe; então no sábado a lua num gunverna, num sabe; então o sábado é o mió dia pra si prantá, num sabe; pra si cortá oabela, num sabe; si capá poico, frango de engorda, podá arve, num sabe....

E nesse momento veio chegando um terceiro caipira, de nome Mané, a quem o caipira plantador recorreu:

- Ô Mané, em qui dia da semana ocê pranta sua roça e em que lua? O caipira Mané não se fez de rogado e foi lascando resposta:

- Eu pranto todo dia ! Na lua eu não posso prantá nada não, porque não posso ir inté lá, então eu pranto é na terra mermo!

O compadre do plantador embargou a conversa com um meneio de cabeça, em sinal de desaprovação, e, propôs a todos tomar mais uma branquinha pra lubrificar a palavra,



e deixar esse assunto para resolverem durante a caminhada de volta pra casa.

Gargantas enxaguadas, pé na estrada, e lá se foram os três gesticulando encima de seus cavalos e sob a nuvem de poeira vermelha dos estradões mineiros.

MARIA QUEIXUDA

Sueli Gehlen Frosi⁸

Hoje acordei cedo, recolhi minhas coisas e esquentei o café na lata. Minha cabeça roda como um pião de tanta cachaça que bebi. O fogareiro me salva. Ontem, perdi a tampinha dele, não sei onde. Acho que uma hora dessas a encontrarei pelo meio da roupa atirada por aí. O fogareiro de ferro pequeno, sustentado por três pés, tem álcool até o gargalo. Então, acendo e a chama azul aquece o café de ontem e as minhas mãos. Fica difícil apagar o restante do álcool por que falta a tampa, que apaga o fogo na hora.

Peguei o caco do espelho e me olhei, vi que o meu cabelo está enorme, maior do que de costume, por isso o garoto puxou muito forte; além de grande, o couro dói. No reflexo do espelho vi aquele moço bonito que visitou o meu canto com os amigos. Ouvi as risadas. Peguei a garrafa que ele me alcançou. Bebi com gosto! Quando minhas mãos pararam de tremer, deixei de ouvir os gritos da meninada, enquanto um deles me agarrou.

⁸ Sueli Gehlen Frosi casada com Domingos Frosi, filhos: Ricardo, Cássio e Bruno, Eliza e Flávia; Estudou no colégio Notre Dame e no Instituto Educacional, fez Ciências Contábeis na Universidade de Passo Fundo e Filosofia no Instituto Superior de Filosofia Berthier. Escritora, Poeta, membro da Academia Passo-Fundense de Letras desde o ano de 2010, colaboradora do Projeto Passo Fundo.



Ser chamada de Maria Queixuda é coisa antiga. Desde criança ouvi que eu era um monstro: feia, baixinha, negra, miserável e queixuda. Isso eu fui! Não sou burra. Aprendi a ler e recolhi muitos jornais e livros. Li de tudo. Vi as fotos dos meninos que passaram pelo meu canto, pra rir com os amigos, pra se aliviar e até pra mijar em mim.

Um dia, consegui uma coleção inteira de romances, de capa vermelha. Lindos! Passei alguns meses lendo devagar, mas com a prática, matei todos. Daí em diante, lia o que me caía nas mãos: tudo o que presta e o que não presta; do que gostava e do que não gostava. Agora, falta de tempo, leio só o que gosto, às vezes.

Sofro pela falta de sossego. Os meus bebês doei e eles ainda choram na minha cabeça. Vi alguns, outros não; e, ainda outros, não me quiseram mostrar. Sabia que estavam mortos. O choro dos bebês me enlouquece. A cola e a cachaça ajudam a esquecer. Mas, preciso garantir os dois.

A rua do Grazziotin é o meu local de trabalho. O lavador de carros é que não me ajuda; no dia seguinte jogo uma lata de mijo no carro lavado. De madrugada passo pelo buraco da cerca e pego o que posso. Passo a faca nele de qualquer jeito; se o matar, ótimo! Se não morrer, ninguém me viu. A ponte é escura. O rio faz barulho e a madrugada fria segura as pessoas em casa. Sei que meto medo!

Tem a turma na Vila Cruzeiro que sabe de tudo. Então, a gente se ajuda. Dividir a cola em saquinho não é difícil e um pouquinho chega... Compro a cachaça, que não é barata; não divido com ninguém, para não morrer de frio ou do choro; alguma coisa tem que calar as criancinhas. Só uma não chora, a minha. Esta eu conheço! Dei e sei pra quem. Passo em frente da casa no Boqueirão e fico olhando.



A menina é bonita, parecida com o filho do vereador. Ah! Um dia conto pra ele aos gritos, se passar em campanha.

Juraram-me de morte por que pego o que preciso. Não tenho medo. Gostaria de dormir e não acordar neste buraco imundo; de acordar na casa da "moreninha" do livro; de andar de charrete por Paquetá, sentindo o ventinho na cara. Queria ter queixo e cabelo pequeno, pele macia e roupa cheirosa; ter filhos e brincar com eles, como aquela mulher da Chicuta. A casa dela é tão bonita, com gramado e uma laranjeira; lá vejo muitas crianças brincando e a mãe levando bolachas, limonada e bananas.

Hoje acordei mais rápida. Tenho vontade de caminhar, apesar do barrigão. Acho que nasce hoje. Precisando, sento em frente do Hospital Municipal e espero que façam alguma coisa por mim. Se não fizerem, de alguma forma a criança tem que sair. Eu a largo em algum lugar. Se nascer no hospital, finjo não saber ler e escrever, carimbo meu dedão no papel, doando esse nenê também. Essa criança sei de quem é; de vez em quando o guri aparece e sei o que ele quer, mas me finjo de morta. Ele pede e chora. Pensa ser um miserável por gostar de trepar comigo, que sou suja, feia e molambenta. Eu gosto! Ele vem, espera que eu levante o vestido e entra em mim. De olhos fechados, chorando, faz o vai e vem tantas vezes até que arregala os olhos e sai do meio dos meus panos. Joga uns trocados, que eu agarro. Ele vê o meu sorriso de satisfação e vai embora correndo. Ouço os soluços do menino até à esquina. Durmo sabendo que talvez venha mais uma criança. Fico imaginando se eu usasse sedas, perfumes e morasse num castelo e ele viesse à cavalo. Romances só existem naquele canto com cheiro de mofo, que adoro.

Dei de ler jornais, mesmo atrasados. De vez em quando



leio sobre mortes e nascimentos. Soube do nascimento de um bebê no mesmo dia de um dos meus. Esperei uns dias e procurei pelo sobrenome na lista telefônica. Todos eram iguais ao anúncio, então procurei e encontrei, numa linda casa, uma mulher de chambre azul carregando uma criança. Ela me olhou desconfiada, por que a minha cara feia, grudada na grade, a assustou. Mas consegui ver a cara do meu milico, naquela carinha tão pequena. E, logo soube que era da minha barriga que ela havia saído. A mulher percebendo, correu pra dentro de casa e eu nunca mais voltei lá.

Desço pela rua Quinze e sinto a primeira pontada nas costas. Pelas pernas desce um líquido morno, deixando um rastro. Está frio e eu começo a sentir dores. Calculo a distância e ando até o Hospital São Vicente. Sento no pátio e alguém me vê. A enfermeira levanta minha saia e fala sobre o sangue. Chama por ajuda e me carregam para dentro, colocam-me no chuveiro. Sinto as escovadas nas costas e na sola dos pés. A pele arde de tanto ser esfregada com panos brancos. O cabelo é cortado rente e lavado várias vezes. Enxugam-me e furam minha mão onde colocam uma borboleta com soro.

Acordo tremendo e não consigo me mexer. Não me importo com nada e, pela primeira vez, não olho para os lados para procurar pela criancinha. Isso não me importa. Olho para cima e vejo o saco com sangue. Sinto dor no braço, olho pra ele e vejo uma mancha escura embaixo da pele. A dor aumenta e minha indiferença também. Tenho a sensação de estar me enterrando na cama, cada vez mais afundada naqueles panos azuis. Tento chamar alguém e não consigo.

A última coisa que lembro é da figura das pessoas



arrancando a borboleta e a colocando novamente. Quero falar que desta vez não carimbo o papel, mas o assino; que deixo meus livros vermelhos, e os outros enfileirados no meu buraco, para uma amiga que ensinei a ler, mas, para isso, preciso falar com alguém e assinar a doação. Sinto-me afundar e afundar! Ouço um piiiiiiiiiiiiiiiiiii!!! Caio no vazio, onde há uma luzinha que quero agarrar com a força que me resta.

A CARTA SECRETA DE ANALICE

Rani⁹

- Alô, Pedrinho?

- Sim, sou eu!

- Oi, sou Analice, vamos falar baixinho, por que podem nos ouvir.

- O que está acontecendo?

- Não posso falar, mas te digo uma coisa...

- Então diga.

- Vou te enviar uma carta secreta e não deixe cair em mãos erradas.

- Se é secreta, então irei guardar no porão da casa, naquele tijolo solto. Ninguém irá ver. Mas afinal do que se trata?

⁹ Raniel Henrique de Souza é escritor entusiasta, desde os meus 9 anos de idade, nascido na cidade de Bastos interior de São Paulo, 24 anos casado e residente no estado do Rio Grande do Sul na cidade de Passo Fundo, Acadêmico de Filosofia no Instituto Superior de Filosofia Bertier - IFIBE, autor da obra infantil “Vovó Virou Criança” e do conto “Xote com moça pele cor de fogo” publicado no Livro Receitas Secretas da Editora Papel de Arroz de Lisboa - Portugal, membro do Projeto Passo Fundo Apoio a Cultura - RS desde 2012 “A poesia nos ausenta da realidade dada”.



- É secreto tu não podes saber. Espero logo desvendar, mas por enquanto, peço-te que a guarde muito bem.

- Irei guardá-la bem direitinho, ninguém irá encontrar.

- Pedrinho e os ratos do porão, será que eles sabem ler?

- Não, são analfabetos.

- Analfabetos?!

- Sim, por que são pobres e desde criança trabalham muito e não tiveram tempo para estudar.

- Coitados! Para quem eles trabalham que não dão folga?

- Eles trabalham para o gato Malvino, que é muito rico. Ele tem uma fábrica de bola de pêlos e os ratos ficam o dia inteiro fazendo casacos para os gatos ricos usarem no inverno. Os gatos ricos trabalham contando dinheiro, e os ratos carregando sacos e mais sacos de moedas para o gato Malvino, que depois, conta o dinheiro.

- Pedrinho vou lhe dizer, se aqueles ratos soubessem ler, o gato Malvino é que iria ver com quantos pelos se faz um casaco!

- Mas, tem o rato Geninho que, de tanto ver meus livros em casa, pediu-me para lhe ensinar a ler.

- Então, se ele aprender a ler, o gato Malvino correrá um sério risco.

- Que risco, Analice?

- Um sério risco de pêlo e pata.



- Afinal, você está ensinando o rato ler?
- Sim. Hoje, o rato Geninho, aprendeu a escrever seu nome e logo estará lendo tudo.
- Breve breve ou um breve distante?
- Breve breve!
- Aguarde amanhã que te enviarei a carta secreta e na semana quem vem contarei tudo. Enquanto isso vou me preparando para uma longa semana de pensamentos e maquinações.

E assim, Pedrinho foi ensinando o rato Geninho a ler e a escrever. Ele é tão esperto que em uma semana leu o livro de Pedrinho. Geninho fugia do trabalho para aprender as letras e, um dia poder fugir do gato, e levar a sua família para viver livremente. O gato Malvino cada dia ficava mais rico com o trabalho dos ratos pobres e coitados. Analice tramava algo, enquanto o Pedrinho não desvendava o mistério, pois ele não fugia das aventuras.

- Pedrinho? Perguntou Geninho, o rato.
- Diga! Respondeu Pedrinho.
- O que é que tu colocaste lá no porão atrás do tijolo falso?
- Também não sei, apenas sei o que disse Analice: uma carta secreta.
- Podemos abri-la?
- Não, de jeito nenhum! Ela é secreta e se abirmos, deixará de ser.
- O que será que está escrito de tão importante naquela



carta secreta?

- Não sei. Só sei que Analice disse que, se os ratos soubessem ler, os gatos iriam ver com quantos pelos se faz um casaco!

- Mas agora eu sei ler, Pedrinho. Disse o rato Geninho.

- Geninho?

- Sim Pedrinho!

- Além de vocês, há outra colônia de ratos que trabalham para o gato Malvino?

- Não, mas escutei rumores que, o gato Malvino tem uma sociedade secreta de gatos, que raptam os ratos analfabetos e os levam para uma ilha, para serem cobaias em um laboratório. Não sei se é verdade.

- Neste caso vou ligar para Analice. Enquanto isso, na casa de Analice, toca o telefone.

- Residência da Analice, quem gostaria de falar?

- Boa tarde dona Cora, aqui é o Pedrinho, Analice está?

- Oi Pedrinho, ela está sim, um momento vou chamá-la.

- Obrigado!

- Alô, Pedrinho?

- Oi Analice, pode me dizer do que se trata a carta secreta?

- Não Pedrinho, como já te disse, ainda tenho alguns detalhes para resolver. Mas tenho algo que gostaria de saber.



- Então diga, ora!

- Geninho, o meu amigo rato, me disse que ouviu falar sobre uma sociedade secreta de gatos que leva ratos analfabetos para uma ilha e fazem experiências com eles.

- Analice, o que a carta tem a ver com isso?

- Pedrinho, como ele ficou sabendo disso?

- Não sei, ele me disse que há rumores pelas ruas do gato Malvino.

- Está bem. Vou lhe falar do que se trata e, assim você poderá me ajudar. Fique de olho, amanhã estarei na sua casa e levarei comigo um amigo.

- Tudo bem, até amanhã, tchau!

- Tchau!

...

- Então Pedrinho, a Analice te disse algo?

- Por enquanto nada de novidades, mas ela virá nos contar do que se trata a tal carta secreta.

- Pedrinho tem algo pra comer, pois até amanhã meu estômago não vai aguentar e a noite parece que vai durar uma eternidade.

- Calmo Geninho, deve ter ainda o bolo de nozes que minha mãe fez, fique aí vou pegá-lo e já trago.

Enquanto os dois comiam, às horas passavam. Eles conversavam e liam livros, enquanto fantasiavam algumas histórias adormeceram e na manhã seguinte, chegou... Toc, toc, toc.



- Pedrinho acorde, Analice está á sua espera.

-Hã, ela está ai? Geninho acorde! Analice chegou vamos.

- Heim?

- Vamos, Geninho acorde! Nossa como tu roncas! Não sabia que ratos roncavam.

- Ei, mais respeito, você atrapalhou o meu sono. Cadê o café da manhã?

- Vamos, vou pedir para minha mãe colocar na varanda, na mesa de chá.

- Bom dia, meninos?

- Bom dia Analice, o que tem para nos contar?

- Calma! Primeiro quero apresentar o meu amigo, o ramster Juca. Ele é fera em investigações, por isso pedi a sua ajuda e também, foi quem conseguiu aquela carta.

- Não sabia que tu tinhas amigos ramsters, Analice!

- Tenho sim, e faz tempo!

- Olá Juca, prazer em conhecê-lo.

- O prazer é todo meu Pedrinho, e o seu amigo, como se chama?

- Este é o Geninho, que quando ele está comendo, não consegue escutar ninguém, hahaha!!

- Pessoal, temos que ter cuidado para que mais ninguém nos escute.

- Fique tranqüila, vou pedir ao Duque, o meu cão, que



fique de guarda.

- Fale Analice, o que tem naquela carta?

- Bem, aquela carta foi escrita pela sociedade secreta do gato Malvino, onde conta que eles planejaram e levaram os ratos para a ilha, para fazerem experiências e trabalhos forçados. Está assinada por eles, inclusive o gato Malvino, que é o chefe. Esta é a prova que precisamos para desfazer essa sociedade e acabar de uma vez por todas com o autoritarismo.

- Mas Analice, o que iremos fazer?

- Fique tranquilo, o Juca, está cuidando.

- Diga Juca, o que você pretende fazer?

- Já enviei os recados para os líderes das colônias de ratos e ramsters, convocando-os para uma revolução em massa. Iremos enfrentá-los para provar no tribunal dos animais, que os gatos estão nos explorando.

- Então, quando será esta revolução, Juca?

- Será hoje na calada da noite, quando iremos entregar a carta para o Rino, o rinoceronte juiz e depois sairemos para pegá-los.

- Mas eles são mais fortes que nós.

- Estaremos em maior número e eles cairão na armadilha, já está tudo combinado com as colônias.

Enquanto passavam horas maquinando o plano para pegar os gatos e denunciar a sociedade secreta, Pedrinho e sua turma levaram a carta ao juiz Rino, o rinoceronte.

-Vamos, está na hora pessoal! Disse ansiosa Analice,



em uma ninhada de ratos camundongos, ramsters espíões. Uma menina esperta, com sardinhas no rosto, um menino culto com seu amigo rato contador de moedas e principiantes dos livros de histórias, enfrentaram os gatos e, juntos prenderam os malfeitores. Daquele dia em diante os ratos ficaram livres e Pedrinho, o menino culto, com o seu amigo Geninho o rato, passaram a alfabetizar os camundongos.

E, eu digo aos meus amiguinhos, que a leitura é o melhor caminho para o conhecimento. Então até a próxima aventura, vou-me embora, pois lá vem à turma que comigo aprendeu a ler. PS: Pedrinho, o culto e Geninho, o rato.

ROTINEIRO

Pablo Cascadenoz¹⁰

Hoje quando acordei –sozinho, como de costume- resolvi fazer algo diferente. Sempre fazia as mesmas coisas: acordava, café preto com panquecas, trabalho, casa; mas, hoje essa sensação de algo (ou alguém) que precisa de liberdade se expandia dentro de mim; sabe, algo como um animal por muito tempo preso que resolve conhecer o mundo. Então, logo após esse meu café com panquecas (isso eu tinha que manter na minha rotina), coloquei uma roupa nada parecida com meu terno e sapatos e fui pra rua- ainda sozinho como de costume - sentei em um banco da praça onde velhos, crianças e pombos interagem. Fiquei algum tempo parado naquele lugar, em meus devaneios, pensando em cada escolha que eu tinha feito, me perguntando se o que eu tinha feito até hoje em minha vida tinha tido algum sentido, e mais outras bobagens de crise existencial.

Passadas quase 4 horas desses meus devaneios, fui até um lugar, para comer e, logo depois que saí, pensei que meu dia "diferente" não poderia se resumir àquilo. Fui até um cinema onde estava passando aqueles romances

¹⁰ Cronista e poeta, Pablo Roberto Salles da Silva é colaborador do Projeto Passo Fundo.



"mamão-com-açúcar", algo sobre um ser que brilhava e uma garota que se apaixonava, via casais adolescentes suspirando enquanto na tela tinha aquelas juras infinitas de amor, onde alguém, de minha já não tão avançada idade, não teria como acreditar. Enquanto "assistia" ao filme fiquei lembrando da minha adolescência, onde eu conheci Monique, onde minhas escolhas eram mais fáceis e supostamente sem consequências, enfim, continuei nesses pensamentos e em beijos de casais, até o filme acabar...

Já era perto das 19 horas; meu dia "diferente" quase chegando ao fim, mas ainda tinha feito pouco; então num surto jovem resolvi ir a um PUB, onde o pessoal do trabalho se encontrava para o happy hour – ou, como eu chamo, "momento descartável" - que eu sempre inventava desculpas esfarrapadas para não ir; inventei, uma vez, que meu gato estava doente (mas eu não tenho, odeio e sou alérgico a gatos), para não participar, mas, hoje era o dia do "tudo pode acontecer", e cheguei no PUB.

Depois de haver cumprimentado meus colegas, inclusive meu chefe - que no momento estava me fuzilando com os olhos, por ter faltado ao trabalho- já havia me acomodado, com o meu copo de absinto e, distraído, olhava os vários quadros que me cercavam; então, chegou a Monique, sentou-se comigo e pediu uma bebida. Com assuntos diversos e cantadas diversas - de ambas as partes -; acordo agora há pouco, vejo essa mulher seminua em minha cama, roupas jogadas, minhas costas com marcas de unhas e gozando de uma sensação melhor do que a liberdade que procurava. Levantei da cama, preparei meu café preto com panquecas - um pouco a mais - vesti meu terno e meus sapatos como de costume, dei-lhe um beijo no rosto para não acordá-la e fui para mais um dia rotineiro de trabalho.



PLANÍCIE DE BATALHA

Marcelo de Souza¹¹

Havia retirado o pesado elmo que cobria sua cabeça, um rastro de sangue saía de uma ferida aberta em sua têmpora e percorria o seu largo e retezado rosto, sua expressão era tão dura quanto o chão em que ele pisava, assim como as planícies estavam tão mortas quanto os seus irmãos de escudo.

Corpos estavam estirados sob os seus pés, amigos, inimigos, inocentes bandidos, homens treinados e camponeses, mas acima de tudo, homens. Um espesso líquido vermelho saía das centenas de corpos e regava a verdejante planície que saboreava fervorosamente como se fosse o mais doce dos néctares. O guerreiro olhou por um momento aquela cena, tão comum a seus olhos, abaixo corpos sem vida e acima, aves preparando-se para saborear a podridão que chegava a ganância do homem.

Não havia vitória a ser comemorada, nem festas, nem banquete, o que havia era lamentação, pois homens bons cumpriam suas sentenças de morte enquanto os desprezíveis reis que nunca pisaram em um campo de batalha empanturravam-se com as melhores refeições e deitavam-se com as melhores mulheres. Toda a glória, toda fama e riqueza prometida jamais chegara, o que o guerreiro ganhou em sua longa vida

¹¹ Marcelo de Souza é escritor e colaborador do Projeto Passo Fundo.



de guerras foi sangue para saciar a sede de sua espada.

Ouvia-se apenas um som naquelas planícies, o grito ensurdecedor do silêncio, que rebatia nos corpos sem vida dos homens e chegavam aos ouvidos do guerreiro como chicotes ricocheteando nas costas de algum escravo. Aquele som era único e o envolvia ferozmente, seu corpo tenso foi se mexendo aos poucos, as pernas caminhavam sem rumo por um tapete de corpos até parar em frente a um carvalho, ali pousou sua mão na fria e úmida madeira, respirando aquele ar com cheiro de morte, seu trabalho ali estava feito, mais uma vez havia enganado o destino e caminhava para sua casa ao invés de voltar pendurado nas costas de um cavalo.

Mais uma batalha na conta de sua espada, e por isso não confiava em reis, os soberanos empunhavam armas cravejadas de diamante e feitas do melhor e mais brilhante aço, para o guerreiro, o caráter de um homem media-se pelo desgaste de sua espada.

Não havia mais nada a ser feito ali, o resto do trabalho ficava para os urubus e abutres que bicavam a carne tão forte quanto a fome lhes permitia. O cansado guerreiro voltava para sua casa, mal caminhava, não havia porquê fazê-lo, não havia motivos para nada. Aquilo tornou-se a vida dele, as lutas, o sangue, os corpos e a sensação de que a morte estava sempre presente, por alguns momentos conseguia vê-la caminhando em meio aos homens, escolhendo suas almas para ceifar. Isto era o que ele fazia, sempre fora e, colocando novamente seu elmo, escondendo seus longos cabelos, deixou para trás mais um dia insignificante de sua vida.

UMA NOITE NA ACADEMIA

Júlio Perez¹²

Bem haviam lhe dito não apertasse o térreo. Aquilo iria até o fim e poderia não subir, como de fato aconteceu. Chegando embaixo, deu um tranco e não obedeceu mais aos comandos de voltar aos andares superiores. A porta havia aberto para o breu. Só então se deu conta da burrice que havia cometido. Estava no subsolo do prédio.

O elevador havia sido uma conquista. Após muitos anos da reforma do prédio histórico, finalmente conseguiram pô-lo em movimento.

Os velhinhos tinham dificuldades para subir as escadas até o auditório, nas noites de gala. Só a muito custo chegavam até lá. Outros acabaram desistindo, vencidos pelos anos e pelo temor de não avançar além do primeiro lance de escadas, que ia da porta de entrada – a mais alta do Estado, não cansavam de propalar os apaixonados pela construção – até o primeiro piso.

12 Nasceu em 1968, Advogado, Servidor público estadual - Tribunal de Contas do Estado. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, colaborador do Projeto Passo Fundo. Publicou seu primeiro livro - Expresso Instante em 2006 e o segundo Fugaz Idade em 2010 e o terceiro A Bolsa da Minha Mãe e Outros Contos em 2012.



No entanto, o mecanismo já era ultrapassado. Funcionava através de um pistão, com o motor embaixo. Como eram só dois andares - o térreo era o subsolo -, a caixa do elevador era impulsionada pelo pistão até o segundo andar, acima do mezanino onde ficava a Galeria dos Presidentes. Corria-se o risco, no entanto, de o mecanismo travar, quando recolhido até o fim. Por isso, a decisão de anular o acesso ao subsolo, onde não havia nada. Como os técnicos, contudo, só conseguiram liberar o equipamento às vésperas do evento que iria se realizar naquela noite, não deu tempo. Ficara apenas a advertência. Não apertem o térreo, se não vocês vão parar no subsolo da Academia.

Erro de projeto, por certo. Daí talvez a resistência em por o elevador em funcionamento na reinauguração.

Bem, agora não era hora de se questionar sobre isso. A solenidade havia terminado, e o elevador havia cumprido a sua função, até o momento em que ele decidiu descer por ele uma última vez, saboreando o gosto da vitória, afinal o elevador só entrou em operação por causa da sua persistência: bateu incansável na porta do Secretário de Cultura do Município até a verba para conserto do equipamento ser liberada. Na euforia, acabara esquecendo da advertência e agora via-se preso ali.

O pior é que, como o evento já havia acabado, era bem possível que ninguém desse por sua falta.

O acionamento dos botões do painel só fazia a porta ir e voltar, escancarando-lhe a face do vazio, onde o facho da luz interna iluminava fracamente uma parte do chão batido e das vigas de concreto que sustentavam o primeiro piso. Aquilo começava a enchê-lo de pavor.

O edifício fora sede do Partido Republicano de Passo



Fundo. Construído nos idos de 1912, quantas histórias não haviam testemunhado aquelas paredes?! E o subsolo não esconderia os restos mortais de alguma das vítimas daqueles tempos, quando era comum que as disputas políticas fossem resolvidas à bala ou à faca?! Revolução Federalista de 1893, cujas feridas demoraram anos para cicatrizar; Revolução de 1923, em cujas escaramuças o Clube Pinheiro Machado, sede do Partido Republicano havia se envolvido diretamente. Temia ter de passar uma noite ali, ouvindo o eco desses tempos reverberarem nas antigas paredes.

De repente, lembrou o que o técnico havia dito. Se acontecesse de alguém ficar preso no subsolo, um tranco com o peso do corpo, flexionando os joelhos e forçando para baixo o mecanismo, podia fazê-lo voltar a funcionar. Começou a se sacudir. O compartimento de fato balançava. Parecia haver uma folga entre a caixa do elevador e motor, embaixo. Após algumas tentativas, a porta se fechou e o elevador começou a subir.

Que alívio ouvir de novo as vozes vindo lá de cima!

Subiu até o auditório onde havia deixado a todos. Quando a porta se abriu, no entanto, percebeu que, ao contrário do que havia imaginado, a sessão não havia terminado. Parecia estar apenas começando.

Nós, reconhecendo o valor que as letras têm na formação moral, cívica e intelectual do povo, e querendo contribuir à grandeza de nossa Pátria, pelo pensamento e pela ideia, resolvemos fundar um Grêmio Literário, que tomará o nome de Grêmio Passo-Fundense de Letras, associação essa que esperamos venha a ser reconhecida como entidade oficial pela Academia Rio-grandense de Letras, conforme plano da Federação das Academias de Letras o Brasil.



Quem são essas pessoas?! Não são meus confrades! Pegou-se pensando ao se aproximar da mesa, onde os trabalhos estavam sendo coordenados por pessoas que ele não conhecia, para uma platéia que ele também não conhecia, embora os seus rostos não lhe fossem de todo estranhos, afinal ali estavam, no centro da mesa, coordenando os trabalhos, Sante Uberto Barbieri, o mesmo que há pouco havia pronunciado aquelas palavras; ao seu lado Arthur Ferreira Filho, o primeiro Presidente do sodalício, prefeito nomeado pela ditadura Vargas; Gabriel Bastos, o autor de Atlântida, Verdi De Cesaro e Daniel Dipp. E na plateia, entre outros, Gomercindo dos Reis, Celso Fiori, Túlio Fontoura, Francisco Antonino Xavier, o pai da história de Passo Fundo e Nicolau Vergueiro, ilustre médico, deputado por Passo Fundo.

Todos mortos. Tão vivos naquele momento!

Beliscou-se para se certificar: não estava sonhando. Ele presenciava a sessão de fundação da Academia Passo-Fundense de Letras, naquele primeiro momento – 1938 – denominada Grêmio Passo-Fundense de Letras.

Ao final, se levantaram e entoaram o hino nacional, com grande solenidade. Assinaram a ata, encerrada pelo Secretário Geral e deram-se as mãos, felicitando-se. A próxima reunião foi marcada. Ele sabia a história: 12 de abril. E foram saindo, trocando impressões sobre leituras e escritos, outros mais reservados, preferindo o silêncio dos seus pensamentos. Exatamente como acontecia até hoje.

Acompanhou-os na saída, quando foi detido por um outro evento. Uma reunião do Partido Republicano, no primeiro piso:

- Os maragatos estão organizando uma grande



confraternização para receber o Dr. Assis Brasil. Penso que Clube deve proceder a uma contra-ofensiva, para mostrar quem manda nessa terra.

- Não acho que seja uma boa ideia. Os ânimos de 93 ainda não foram serenados. Não é do agrado do Dr. Borges que reabramos velhas feridas – ponderou o Dr. Vergueiro, em resposta à sugestão de Gabriel Bastos.

Nesse momento, Vergueiro dirige-se a uma das conversadeiras e é ovacionado pelo povo, do lado de fora, muitos a cavalo, sobre o leito então de chão batido da Avenida Brasil. Antonino Xavier, ao seu lado, começa a fazer a saudação ao novel líder empossado, no lugar do falecido Cel. Gervásio Annes, em 1917.

No interior do Clube, todo iluminado, grande movimentação de senhoras, organizavam o que parecia ser um sarau, acompanhado de um chá.

Lá fora, o povo entoava o lema do Clube:

- Um por todos, todos por um!

Sentindo-se intimidado pelos brados vindo de fora, retrocedeu para o interior do Clube, quando um outro ato começava a se organizar:

Declaro aberta a sessão e de imediato convido ao acadêmico Artur Ferreira Filho, presidente da Academia Sul-Riograndense de Letras, fundador do Grêmio Passo-Fundense de Letras e da Biblioteca Pública Municipal para presidir a esta sessão de instalação da Academia Passo-Fundense de Letras e dar posse à nova Diretoria e aos noveis acadêmicos e seus respectivos patronos.

Estava em 1961, quando o Grêmio Passo-Fundense



de Letras passou a se denominar Academia Passo-Fundense de Letras, por sugestão do lendário advogado Celso Fiori, seu primeiro Presidente.

Ainda pode ouvir a estrofe final do acróstico proferido por Gomercindo dos Reis naquela ocasião:

Lutar e repelir o mau poder,
Esse que ao povo e à pátria causa danos,
Tratarás na tua memória até morrer!
Rui Barbosa já disse, há muitos anos:
A força do direito há de vencer
Sobre o direito da força dos tiranos!

Voltou ao auditório, a última peça reconstruída depois que a construção original ruiu, durante os anos 80, só terminando de ser reerguida em 2007 e reencontrou os confrades da solenidade daquela noite, quando efetivamente davam por encerrados os trabalhos, no momento em que o orador finalizava o discurso de posse dos novos acadêmicos.

Entre os componentes da mesa, ele.

Fomos feitos de barro, mas o deus do sopro soprou sobre a argila, resultando alguém frágil e ao mesmo tempo divino, pois a partir de então podemos falar como falam os deuses. E ainda que sem a inventividade de Cervantes que, de um parvo sobre um burro e de um louco sobre um cavalo, fez talvez a mais bela criação literária, tenhamos a coragem de sermos o que somos e o que ainda poderemos ser. Tenhamos também um pouco da coragem de Homero que fez de Ulisses um navegador do desconhecido, para que descobrisse depois que o melhor lugar é sua casa. A coragem



de Tolstoi que não cansava de proclamar: Se queres ser universal, canta a tua aldeia^[1].

Após entoarem o hino e assinarem a ata, encerrada pelo Secretário Geral, a mesa foi desfeita. E, enquanto uns já começavam a sair, preferindo a solidão dos seus pensamentos, outros ficavam mais um pouco, dividindo entre si as angústias da criação literária ou trocando impressões sobre algum livro que estavam lendo ou escrevendo, como o Xico que, naquele momento, vinha lhe perguntar o que havia achado do seu último poema, a sair em próximo livro.

O Presidente, em particular, incitava-os para que não esquecessem as matérias para a próxima edição da revista. Mais distante, dois animados acadêmicos interagiam com um grupo de estudantes, explanando a ideia de levar a Academia para dentro das escolas, de forma a tornar conhecida pelos alunos a literatura que se produzia em Passo Fundo.

A cena lhe era familiar. Já a tinha visto diversas vezes naquela noite. Como se aqueles acontecimentos fizessem parte de uma única dimensão do tempo e as categorias do ontem e do amanhã tivessem sido abolidas, tornando-se parte de um mesmo presente, do qual ele havia tido, por alguns momentos, um pequeno relance.

À saída do auditório, a boca do elevador imóvel, permanecia aberta, como um convite a uma nova viagem.

Por precaução, preferiu a escada.



V ALSA DA PASSAGEM

Leon Nunes¹³

Por quê? Por que do suicídio? Que aconteceu à auto-estima? Que fez da mão instrumento da morte a empunhar revólver, faca, estilete? No pulso não corre mais sangue? E o medo? A porcaria do medo, que deveria proteger esta carcaça, onde? O dedo a tocar em partes escondidas; a letra, pois, tão maltratada, rasurada, em frangalhos – cadê? Do tempo, que já não é mais espaço, perdido, enegrecido, da pele arrancado? Caiu. Ah! Caiu. No esquecimento de qualquer glória corrompida. Da raiva, o sentimento – o sentir, com tato, olfato, paladar – da raiva: arrote cósmico a devastar constelações, planetas, impérios. Aonde tudo? Para onde o nada? E o que estou fazendo aqui?

O ensombrecido da vegetação neste campo florido de flores negras move quaisquer habitantes do desconhecido. Silêncio! Silêncio. Escuta algo? Que interrogação é esta na nossa face? Minha querida, minha querida. Do sem sentido, desconexo. A tinta no bloco a formar palavras inelegíveis. Dançar uma última dança. Valsa da Passagem. Foi lá, não

13 Autor do romance Fúnebre Cortejo, lançado pelo Projeto Passo Fundo no verão 2011, possui participações em antologias de contos. A saber: “Algumas Ficções” - Ed. DeLeon - 2007 - com o conto “Caçador Noturno”; “Irmandade das Sombras - contos de terror, horror e fantasia”/ CBJE - 2008 - com o conto “A Devoradora d’Alma”; “Autores Fantásticos” - Ed. Estronho - com o conto “Um Limite para a Escuridão”.



mais torna; veio, tornará, o arrepio – o arrepio. Minha alma sangra no movimento lento da constelação apagada. E meus olhos, dentro e fora, treva; a cor dos olhos que preenche minha face, e que nada vê. Não. Não nada; há algo lá no fundo. Só não sei o que é. Eu espero. Espero.

Voltou? `inda sangra; meu coração – há um dentro de mim? – parado. Eu tento ouvir minha respiração. Ouço apenas o indecifrável-ruído-baixo-não-escutado. Jamais. Aqui – jamais. A espera dói. Finjo criar mundos; finjo fingir; a vida que tateia cá é morte. Escuta a onda chegar a ti; a onda de meu lamento. O caminho, afinal, é sofrido; longe o fim. De tanto fingir, acredito. Desacreditando. Que antes houve uma vida – amparo-me nesta ilusão repleta do sofrer-eterno. Penso que houve sim uma faca, enferrujada, que se cravou no pulso e no peito. Mas pode ter sido qualquer coisa cortante: o dente da engrenagem rasgou a veia da vida. Nesta ilusão, um mundo, um pouco d'água. Na água, vinho – ou seria sangue, dane-se. Desse vinho eu bebi. Entorpecí-me da mais pura alucinação. Babei o veneno que desceu pela garganta. A ausência da porcaria do medo.

Há um buraco em mim. Dentro deste corpo etéreo. A navegar do fim para o fim. Não me é possível entender. Compreendeu? A caneta cósmica desliza na folha negra de papel-mortalha. E como nunca, sinto-me tão morto quanto vivo. A espera, esta sim, é longa, já disse. Se cheguei até aqui, pode ser que não há lugar para mim. Dar-te-ei um descanso. Torno a voltar em outro instante. Tua mão está cansada. Ficarei esperando. A imaginar motivos, absurdos, sem uma lágrima sequer. Tua mão dói. E o ponto-final – este nem sabemos se há.



O SEMEADOR

Marcelo Henrique Noal¹⁴

Fevereiro, 1975.

O calor era insuportável, a mulher que arrumava a cozinha se chamava Tina e não conhecia outra vida além daquela. Nem mesmo sabia o que acontecia no mundo, já que a televisão havia queimado há meses e Sales, seu esposo não tinha dinheiro para o conserto.

Sem ouvir falar das notícias que não compreendia e sentindo falta das novelas, seu único entretenimento.

A luz elétrica já estava ali há anos, mas a TV era uma novidade. Era.

A pequena casa de madeira, com dois quartos, sala, cozinha, banheiro e um porão, esse era o escritório do Sales.

A janela da cozinha continha vidros coloridos e durante o dia a atmosfera era vibrante, até nauseante.

¹⁴ Marcelo Henrique Noal - Nascido em Passo Fundo, no dia 10 de abril de 1990. Desde criança demonstrou interesse pela literatura. Aos doze anos começou a escrever poesias e, aos treze se mudou para Santa Catarina, onde começou a disputar torneios de xadrez, ganhando algumas medalhas, também se envolveu com música, como compositor. Atualmente está em Passo Fundo e continua a escrever poesias, contos e crônicas.”



A casa de madeira azul tinha uma varanda e quase desaparecia em meio ao devastado milharal. Tinha galinhas e uma vaca leiteira, basicamente sobreviviam graças a esta.

Tudo estava indo mal para qualquer um que vivesse da terra. Afinal os tempos eram difíceis no campo ou na cidade.

Os vizinhos mais próximos tinham um sítio um pouco maior, a cerca de trinta quilômetros dali. Tinham alguns toneis de carvalho e fabricavam cachaça artesanal suficiente para demanda dos bares na cidade mais próxima. Isto era tudo que possuíam.

Sales se gabava de ser um fazendeiro capaz de fazer qualquer coisa crescer da terra. Ele havia ido à cidade naquela manhã, ao banco. Precisava de um empréstimo para a sua nova ideia: Um alambique. Queria concorrer com os vizinhos e conquistar o espaço.

“Você vai ver, ainda vou provar ao Ivo que aquela cachaça é uma porcária. Nem mesmo garrafas de vidro, ele não sabe administrar aquela fazenda. O leite é ruim, o gado mal cuidado e todos aqueles barris caros para fermentar aquele lixo.” Sales fervia de ódio invejoso ao falar do irmão bem sucedido, agricultor do sul. “Se eu tivesse aquelas terras, por que ligaria para comunismo ou para essa bosta de pátria.” Tina apenas escutava, sem entender muito e sonhava com um homem bonito e bem vestido, como os que ela via na TV. Ah, a TV!

Todos os dias eram iguais, fazer o café, tratar os bichos e sentar-se a varanda tricotar e esperar Sales que nunca estava por perto.



Saia cedo entregar o leite e o queijo que ela mesma produzia semanalmente. Ele voltava à noite completamente bêbado. Isso quase sempre.

Nunca tiveram filhos e essa sempre fora a grande frustração da coitada.

Sabia em seu íntimo que poderia ter casado com um homem menos grosso, mais atencioso e que acreditasse em algo, sobretudo no amor.

Naquela manhã tórrida Tina terminava a louça quando ouviu um carro se aproximando. Definitivamente não era a caminhonete do marido.

O barulho era mais suave.

Já caminhava em direção à porta antes de baterem.

Ela secou o suor do rosto com o pano de pratos, mexeu levemente nos cabelos e abriu.

O que viu foi um homem de aparência muito peculiar. Magro, alto, sem cabelos, com um nariz gigante e pretensiosos olhos azuis.

Provavelmente na faixa dos 45. Vestia-se impecavelmente bem, embora em trajes inapropriados para o clima.

Terno preto, sapatos de bico fino, chapéu e tinha um broche de ouro na camisa, Tina já vira aquele símbolo em algum lugar, talvez na TV. Definitivamente na TV, pensou ela.

O carro era preto e parecia ser importado.

A mulher teve uma experiência surreal ao vê-lo.



O estranho soltou a mala preta no chão e estendeu a mão à Tina que percebeu que o anel no dedo mínimo do homem tinha o mesmo símbolo do broxe. Um círculo com um olho no centro.

- O que o olho pode fazer? perguntou misteriosamente o estranho.

- O que? Ela fingiu não ter reparado em nada.

- Nada dona, que bela manha de sol, hein!

Ele abriu um largo sorriso expondo um dente de ouro que quase cegou Tina, que ficou pasma, aquele maldito calor e aquele homem parecendo tão confortável.

- Oh, deixe-me apresentar, perdão.

Emir.

Ela hesitou em apertar a mão do visitante.

Deu mais uma olhada em tudo, olhou para o céu límpido, secou o suor no rosto, e disse num tom rude, sem rodeios:

- Olha senhor, seja lá o que tem aí, não quero comprar.

Tina pôde ver seu reflexo no dente de ouro polido.

Estava nauseada, pensava que poderia estar enfim grávida, ou era só o calor.

O homem tirou o chapéu, era careca.

- Dona...O que gostaria era de entrar para lhe explicar melhor a minha oferta.

A mulher estralou os olhos e antes de bater a porta



gritou: "Precisa vir pro fim do mundo para achar esse tipo de mulher?"- Vá embora seu escroto!

- Mil desculpas dona, creio que me interpretaste muito mal, só que está muito quente aqui fora e na verdade é com seu esposo que devo tratar disso, mas não vi carro nenhum, então presumi que ele não está.

Tina tornou a abrir a porta.

- Sales não está mesmo, do que se trata?

"Sales" sussurrou o estranho.

- O que?

- Nada, dona..?

- Tina, ela respondeu e enfim apertou a mão do sujeito. Esse deu uma boa e breve observada à sua volta como que analisando a propriedade.

- Bem Tina, eu quero propor uma sociedade ao seu marido, algo que poderá transformar vocês em grandes agricultores, eu diria em outros campos. Bem, na realidade serão tudo o que quiserem ser.

Ele abriu a maleta puxou um pequeno livro, entregando-a à Tina.

- Antes que olhe quero deixar claro que não sou um vendedor, disse Emir.

- O que é exatamente então?

- Sou um semeador. - seu tom de voz era assustadoramente suave, e sua dicção perfeita, como se nem abrisse a boca para falar. -Planto vida nova para as espécies.



Tratava-se de um manual de botânica com ilustrações de plantas, ervas e árvores das mais variadas e estranhas. Tina folheou com certa curiosidade.

- Creio que reconhece algumas dessas plantas, senhora.

- Sim, respondeu ela. E foi sincera, sempre quis plantar árvores que descem bons frutos, mas o solo não era adequado.

- Bom, continuou ele. Mas também observa essas árvores exóticas, como essa bela bombax, ou essa Figueira-de bengala. São raras. Mas repare as liliopsidas quão magníficas.

Apesar de estar confusa a mulher se encantava com as fotos e a descrição das árvores.

Tina foi simpática ao devolver o manual.

- Desculpe senhor, mas nada cresce aqui e nem teríamos dinheiro...

O homem assumiu uma séria postura.

- O que disse que eu sou Tina?

Ela se assustou por um instante.

- Um semeador, disse ela.

- Sabe, aprendi algo nessa vida. Não levamos nada dela, o que importa é o que deixamos, mas as vezes não se pode deixar nada.

- De qualquer forma na melhor das hipóteses, quanto tempo levaria para isso dar frutos? Tina orgulhou-se do seu sarcasmo.



- Todas essas árvores são irrelevantes, veja a última página, disse o tal sementeiro.

Tina ficou pasma. A árvore era a paisagem mais impressionante que ela já havia visto. Tronco robusto de material fibroso. Eleva-se uns 15 metros seus galhos entrelaçados formavam algo semelhante a neurônios. Por cima folhas verdes como grama, como uma leve pelagem. Tinha o formato de um cogumelo.

- A árvore de sangue de dragão inflorescência longa, comprimento, glabra, bipinada, de flores numerosas em panícula terminal larga. Em rituais de vodu, parece atrair amor ou dinheiro.

- Não acreditamos nisso senhor, muito obrigada.

- Senhora, essa árvore não é uma árvore de sangue de dragão em si. Apenas se parece com uma. Ela é uma coisa muito diferente.

- E quanto aos frutos?

- Os frutos são a luz do próprio cosmo. Quero dizer, tudo o que quiserem. Só ofereço uma chance única nesse planeta. Ter em sua propriedade uma árvore que não existe em nenhum outro lugar da terra. E tudo que vocês têm a fazer é plantá-la.

E dizendo isso ofereceu 2 sementes de um verde musgo, mas radiante.

- E não vai nos cobrar nada? Tina perguntou desconfiada.

- Ora, senhora. O que eu lhe fiz para que me trate com tanta falta de respeito. Já disse. E nada tenho mais a dizer, apenas entrego a possibilidade de dinheiro, poder ou



do amor. O desconhecido. Mostre o manual ao seu marido, agora tenho que ir.

Dizendo isso ele vestiu o chapéu e entrou no carro.

Ao chegar em casa bêbado o fazendeiro Sales se negou a plantar.

- O QUE TEMOS A PERDER AFINAL, querido?

- O que temos a perder? Numa porra de uma ditadura. Podem nos matar. E se forem do governo? Esse tal sementeiro deve ser do exercito, ou pior, um comunista. Quer acabar numa sala levando choques e sendo espancada?

Embora a mulher tentasse persuadi-lo Sales negou-se e muito embriagado foi à casa dos vizinhos fazer uma proposta.

Voltou em duas horas muito satisfeito.

- Ele caiu. Hahahahaha. O idiota trocou seus barris de carvalho por uma semente, que burro.

E então Sales virou um coronel da cachaça e o dinheiro começou a entrar.

- Até que esse homem tinha razão, dizia, essa árvore dá mesmo dinheiro.

Mas numa noite, voltando para casa avistou uma luz verde tão forte que mais parecia uma aurora boreal.

Entrou na propriedade do vizinho e se deparou com a coisa mais maravilhosamente bela que nenhuma mente ousaria imaginar.

O casal dançava embaixo da árvore que parecia literalmente um óvni.



O vizinho chegou até Sales. Todos os galhos pareciam circuitos elétricos.

A mulher que estava grávida gritou: "Chegou a hora!"

Um carro preto de luxo se aproximou. A euforia era contagiante.

O homem desceu e foi para baixo da árvore e abraçou o casal.

"Era ele", o anel, o símbolo. Sales reconheceu o símbolo, era o que aparecia misteriosamente na tela da televisão quando ela ficava sem transmissão. Um círculo formava a letra "O" e havia um olho dentro.

De repente algo sugou a árvore para o céu e tudo desapareceu em meia fração de segundo.

E a nave sumiu dentre as nebulosas.

Obviamente ao relatar a história para a mulher Sales foi ridicularizado. Afinal estava bêbado.

Estava tudo bem e o melhor: Tinham uma televisão nova. Mas tina não estava grávida como soubera, quem estava era a esposa do tal vizinho.

Sales estava desolado, atormentado com o que tinha visto. Virava mais uma garrafa junto ao celeiro quando ouviu os gritos da mulher. "Venha ver, corra!"

O jornalista parecia não acreditar naquilo que dizia:

"Um meteoro do tamanho do planeta júpiter irá colidir com a terra ainda essa noite..." O sinal foi cortado. A tv ficou fora do ar. Apenas o símbolo na tela: o "O" com o emblemático olho dentro.



Desesperada Tina se lembra da pergunta do homem: “O que o olho pode fazer?”

- VER..OVER! Era o sinal, uma mensagem subliminar via satélite. O sinal da destruição, o olho que tudo vê.

- Está louca mulher, do que está falando?

Tina riu sarcásticamente.

Ele nos escolheu.

- Não entendo, diz Sales aos prantos abraçando a esposa.

- Ele só queria salvar a nossa espécie, será que nem mesmo na hora de morrer você NÃO ENXERGA!

- O filho.

- Sim, disse Tina ainda rindo de desespero. O FILHO!

Então a energia acabou e o fogo consumiu suas retinas.

A MORTE DO OTACÍLIO

Miguel Guggiana¹⁵

Amigos é com imensa tristeza que comunico a vocês a morte do Otacílio, morador ali do Bristol. Infausto até previsível, visto que apresentava a olhos vistos sentimentos de desvalia e ideação suicida, consequências de sua relação conflituosa com Esmeralda e Bidu, cão que recebia toda sorte de atenções dela. O que restava a Otacílio? Nada... Nada além da relação xoxa de humano x humano, quando na verdade queria também um tratamento pra cachorro. Lembram?

Pois é, mas essa diferença de trato não foi a causa primeira, embora tenha concorrido para destrambelhar suas ideias. Foi outra que no decorrer do caso vocês ficarão sabendo.

Como não gosto de ser interrompido, peço a vocês que, se tiverem que ir à patente, vão agora, e, por favor, puxem a descarga! Todos aqui, né? Garçom, traz mais uma para afinar o latim. Gazapinaaaaaaaaa!

¹⁵ Nasceu em Uruguaiana em 1948, radicado em Passo Fundo desde 1992. Com formação em Administração de Empresas e Ciências Contábeis atua como empresário no ramo imobiliário. Na área da escrita considera-se filho do Projeto.



Vejam como são as coisas. Essa ocorrência – morte do Otacílio – foi bater lá adiante e deflagrar consequências a terceiros, e que nunca imaginariam que aquele desafortunado acontecimento lhes respingasse e daria o norte para suas vidas: Dr. Camargo e Florence.

Médico legista e enfermeira, começaram suas carreiras juntos, ainda jovens, trabalhando ali na sala de necropsia, nos fundos do hospital e fronteiro ao necrotério, sempre no turno da madrugada, quando parecia que as tragédias combinavam de vir aos magotes.

Ele, recém-egresso da faculdade, com todo o leite, indócil no partidor, galo novo ciscador. Ela – Deus do céu...! –, loira, pernas longas, coxofemorais exuberantes, bem preenchida, lábios cereja rosa, tez clara, leitosa, permitindo visualizar as veias azul-anil – tipo mulher de viking. Esse tudo isso e mais um pouco, acondicionado por guarda-pó alvo, justo, que lhe conferia sensualidade, mesmo naquele ambiente recheado de morte. Resumindo: um espécime de luxo.

Desde a primeira noite que passaram juntos – trabalhando – Camargo, nos raros instantes que se permitiam, hibernava, por momentos, em bendito transe: recostava-se na cadeira, cruzava as pernas, bebericava um café pretinho, tragava um Belmonte amigo e chamava-a, dizia qualquer coisa, esperando quando retornasse para lançar na colega um olhar fulminante, escandalosamente impudico, na sua estrutura traseira. Bem pontual, aliiiiiiiiii óóó, bem aliiiiiiiiii óóó..., particularizando a preferência naquele corpo cravejado de acepipes, não lhe importando o que lhe viesse pela frente.

Quanto a essa figura, um amigo aqui do Bar, o Drummond, já dizia, corroborando a fala do olhar do médico,



que “bunda são duas luas gêmeas em rotundo meneio. Anda por si na cadência mimosa, no milagre de ser duas em uma, plenamente”. E, quando bem trabalhados, os passos que a carregam a tornam imbatível na preferência de qualquer um. E àquela, amigos, meu respeito!

- Não é bem assim! Há controvérsia! Eu prefiro...

Agora... Porque esse tal Drummond diz, não que dizer que seja verdade. Vai um contraponto?

(Leitor, já começaram a dar palpite... Vou fazer que não escutei.)

E Florence não se incomodava com isso, muito pelo contrário, se deliciava com aquele verdadeiro assédio visual que lhe causava frisson pelo corpo inteiro, assumindo sua gostosura, tanto que, ao retirar-se, morosamente, florea ainda mais os movimentos, conferindo àquele pecado fulgor divino.

E esse ritual – surreal, diria –, verdadeiro jogo de sedução, envolvia de um e de outro o mesmo conceito de que o prazer tão próximo, mas ao mesmo tempo distante, é bem mais doce, e que a beleza, à medida que foge de nossas mãos, cada vez mais nos assanha. E isso funcionava como um combustível para o enfrentamento daquela atividade, como que lembrando que estavam vivos, no meio dos mortos.

Certo? Errado? Não sei. E os anos se passaram assim, repetindo a mesma dose fantasiosa que envolvia esse olhar e aquele caminhar faceiro. Nesse tranco. Talvez uns vinte e tantos anos, sei lá! Ele agora, já virado num chapéu velho, abdome definido – globoso –, rosto demarcado, ostentando bigode relaxado amarelado pela nicotina, já



sem o mesmo ímpeto de outrora, atalhando caminhos. Ela também já apresentando algumas fissuras, beleza já cansada. Mas para eles parecia que nada mudara. Foram sábios, atualizando, a cada dia, a atração que sentiam um pelo outro, desconsiderando os estragos que o senhor tempo impõe.

Mas, por mais incrível que pareça, a relação entre os dois nunca passou pelo umbral, se restringindo àquele ambiente e àquele envolvimento, tácito, sem toques. Não fosse o Otacílio aparecer, já nessa fase meia-boca, decadente, talvez aquela situação capenga se eternizasse.

- Doutor, chegou mais um. Um tal de Otacílio, veio lá do Bristol. Suicídio. Duas hipóteses: enforcamento, apresentando marcas no pescoço, ou envenenamento com cicuta, baba espumosa escorrendo pelos cantos da boca. Já tá na mesa pronto para a necropsia. E mais... Tem um bilhete no bolso da camisa.

Camargo ficou estupefato: conhecia o dito cujo e sua história. Não havia nada que acontecesse no Edifício Bristol que não deslizesse para a boca do povo. Logo, logo, em fragmentos de segundos, organizou os pensamentos e fechou a história.

Otacílio tinha se amigado com a Esmeralda, egressa de zona, que, com sua vida de mulher difícil, já cansada de guerra, cedeu à perspectiva de uma outra, mudando-se para o quarto e sala no Edifício Bristol. Achava que, nos braços de um protetor, o bostão do Otacílio, teria, em formando família, a remissão de seus pecados. Ledo engano.

O amigamento durou meio ano, talvez meses, algumas semanas, quiçá dias, mas o suficiente para torná-lo um escravo de sua presença. E numa data dessas a



Esmeralda anoiteceu e não amanheceu. Abandonou o Otacílio, o chato do Bidu, aquele cusquinho pentelho que detinha seus carinhos em detrimento ao de cujus, e aquela vidinha sem brilho, circunscrita a quatro paredes: lavação de louça, abraçar-se ao tanque de roupa, piloteio de fogão, ver a novela das nove, enfim, aquelas coisas que fazem parte da rotina de uma trabalhadora do lar. Uma cacaca para quem fora rainha da noite, acostumada a luzes da ribalta.

Esmeralda, na verdade, havia ido ao reencontro daquilo que tinha abandonado e para o que tinha vocação: figura de dama de vermelho na Boate Azul, para gaudío dos frequentadores daquela casa de tolerância. Fama, admiração, holofotes, fugazes na verdade, mas ali, no momento, presentes. E lhe bastavam. Na tampa mesmo, pensou Camargo, matando a charada: o tamanho do bolso do Otacílio não comportou carinhos de uma mulher daquela linhagem, essa a verdadeira causa de perdê-la.

Mas deixando a conversa fiada de lado: Esmeralda fugiu de casa. Foi isso. Ponto. Se para fregueses do corpo daquela mulher, rosas – a teriam novamente a seu deleite –, para ele, Otacílio, cravos de velório, retratando abandono, desamor, indiferença,

Demais... Tudo isso, na cabeça do falecido, seria perfeitamente tolerável desde que ela estivesse ali, junto. Agora... Abandono não. Longe, distante, judiaria demasiada. Não saberia viver sem ela, não sobreviveria sem ela, mesmo sob seus pisoteios, que, na falta do abraço, do beijo úmido, do falar rouco, do gemido sincero, do suor amoroso, o acarinhavam. Nesse quadro irreversível, nada mais lhe restava do que silenciar seu desassossego buscando a morte por suas próprias mãos.

Pediu, levou... Ei-lo ali, agora, pelado, gelado,



cheirando a defunto – formol fede –, estirado em cima da mesa fria de mármore branco encardido, por sob lençol esmaecido, aguardando mais cortes em seu corpo para dizer o quê? A causa de sua morte. Tão evidente. Pra quê? Por favor!

- Doutor, doutor, escute! Vai cortar o homem?, perguntou-lhe Florence.

Não, Camargo decidira, não infligiria àquele corpo mais mutilações, já as tinha sofrido demasiado. Na carne e na alma. Não precisava disso para diagnosticar a causa de sua morte quando o óbvio se declarava.

Leu o bilhete... Seu conteúdo lhe arrancou muito mais do que tragadas reflexivas. Sabem o que estava escrito? “Por favor, alguém adote o Bidu. Assinado: Otacílio”.

Colegas de vício, apreciadores de uma gelada... Que coisa mais séria. A preocupação do homem em proteger seu desafeto quando partisse dessa para a melhor dizia bem de seu caráter. Viveram ele e Bidu algum tempo juntos órfãos da Esmeralda, o suficiente para estabelecerem laços de solidariedade. Até que, derrotado pela saudade, cometeu aquele sacrilégio.

E foi nesse exato momento, ao cumprir a burocracia, preenchendo o tal de laudo pericial, que apontava a causa mortis, que deu um estalo na cabeça do Dr. Camargo. Por que não?

- Posso me retirar?, perguntou Florence.

- Não, por favor, sente-se, quero conversar contigo – disse-lhe.

A dona do monumento quase caiu dura. Passou-lhe



pela cabeça que aquela relação chegara ao fim: não a tinha liberado para que lhe desse as costas e deambulasse com aquele airoso marchar. Já não teria ela engenho e arte para tal? Teria ele cansado das imersões?

Bem, pessoal, já está ficando tarde, outro dia termino o caso. Ah! Não? Querem que finde agora? Garçom, traga mais uma por conta aqui da turma. Continuo, então.

Dr. Camargo, tomando coragem, a convidara para tomarem um café com pão-cabrito e margarina, sem igual na cidade na padaria próxima ao hospital. Naquela hora, fim da jornada de trabalho, cinco da manhã, único lugar aberto. Seria o ideal para conversarem. Falaria a ela sobre a história de um cãozinho abandonado, carente de um lar. Quem sabe..., pensara.

Quando saíram juntos, Florence, por força de hábito, intentou de caminhar à frente, quando Camargo, delicadamente, pegou-lhe pela mão, como que dizendo "doravante caminharemos juntos, lado a lado. A vida nos espera".

E a silente madrugada, consternada, abraçou os caminhantes, que rumavam ao encontro do futuro colorido que se lhes descortinava.

E aquele, agora, pelado, gelado defunto cheirando a formol, estirado em cima da mesa branca de mármore encardido, por sob lençol esmaecido, vendo aquele final feliz, sorriu, e, aí sim, morreu de vez. Pra sempre.

Glu-glu-glu... Ahhhhh! Bem gelada, no ponto. É isso aí, gente, fim de caso. Vamos jogar truco?

- Só isso? Causinho bem fracote, hein? Eles se casaram? Essa falação aí não valeu a saideira!



(Leitor, às vezes é melhor conhecermos parte da história. Se parasse por aqui, tudo ficaria numa boa, mas eles querem mais. A realidade na sua plenitude é triste, vou espichar o causo contando tudo).

Bem, eles se aposentaram, casaram-se e fixaram residência em Capão da Canoa, e diariamente eram vistos caminhando no calçadão que emoldura a orla marítima. Ela na frente com o Bidu a tiracolo, todo emperiquitado. E ele atrás...

- Boa, ressuscitou o velho hábito. Sinal que tá vivo. Beleza!

Anacleto, a história tende a se repetir. Ele vai atrás, sim, só que recolhendo a cocozama do cusco em saquinho plástico. E o Bidu, implicante que só ele, de quando em vez, volta-se e dá aquela acoada gozadora. Humilhação pura.

E isso não era nada. Bidu, ciente de seu poder, bancado por Florence, adorava fazer das suas. Imaginem, num de seus passeios, com quinhentos postes a seu dispor para uma mijadinha, onde o cusco foi verter? Amigos, em cima do tênis branco – lembram do Rainha? – única lembrança que o médico guardava de seus tempos de em que fora perito na arte de desossar humanos. E dizem que o meliante teatralizou: ergueu a patinha, e com engenho e arte: xiiiiiiiiiiiiiiiiiiii! Uma baita de uma mijada!!! Gozador esse Bidu. Aquilo foi a gota d'água, literalmente.

E quem viu Camargo nessa situação percebeu em seu semblante olheiras profundas, fisionomia cansada, sinalizando sentimentos cinzentos. Mas, antes de perpetrar seu tresloucado gesto, tal qual Otacílio, buscava vingança. Bidu, cachorro destruidor de lares, que aguarde. Ingrato, depois de tudo que lhe fizera! "Tua hora vai chegar", pensava.



Não, não o esfolaria vivo, Berlusconi. Arquimedes, tampouco plantar uma muda da melhor sarna em seu corpo burguês. Cortar o rabo, deixá-lo pitoco? Não, Natalino, jamais! Pior, muito pior. Feriria de morte naquilo que cães desse tipo, e suas donas, mais preservam: pelo. Lavam, escovam, perfumam! E se orgulham deles. Numa tarde chuvosa de 18 de outubro de um ano desses – data escolhida a dedo* –, quando dava banho no Bidu, colocou a água na banheirinha e porções de...

- Já sei! Creolina e um copo de querosene Ipiranga! Acertei?

Em parte, Anacleto. Acrescentou a isso gotas generosas de piche! Isso aí deu uma baita de uma reboldosa. A última notícia que soube do Bidu é que estava internado em um SPA em Gramado para recuperação dos fâneros cutâneos que restaram através de um coiffeur francês. E mais, sendo assistido psicologicamente para que recuperasse sua autoestima, visto que sua fleugma e soberba foram parar debaixo do cu do cachorro.

Imagino o Otacílio e o Camargo, lá em cima, noutra dimensão, se matando de tanto rirem... Pois é, mas o bicho não se emenda. Ele ainda ressurgirá das cinzas e vocês ainda escutarão causos em que o Bidu, cachorrinho jaguara, mal-agradecido, continuará fazendo das suas.

Pessoal, agora sim vou parar por aqui. Vamo no truco?

- Só uma coisa. Tu conta os causos pela metade. Que que o Dr. Camargo registrou como causa mortis do Otacílio?

Seu Nilo, não havia necessidade de supliciá-lo quando o óbvio se declarava: coração partido.



Garçom, a saideira! Vamo pro truço. Padre Antão, dá as cartas? Polarrrrrrrrrrr! Acorda, garçommmmm! Voltarei!

Assinado: Bidu

ALMA

Rosane F. de Souza

Sobressaltou-se no meio da noite, assombrada, sudorese, tremores, dislalia e histeria.

Perguntava onde estão todos? Mas criaturas sem rosto só a olhavam e comunicavam-se entre si sem respondê-la. Ninguém estava mais lá, a casa estava invadida por seres totalmente desconhecidos para ela. Nem a mobília existia mais, lá fora chovia caudalosamente.

Achincalhavam dela, olhavam-se gesticulavam, mas não falavam, eram suas mentes o meio de comunicação.

No chão ao invés de piso tinha uma superfície incompreensível, parecendo com areia escura e muita fumaça entre aquele amontoado sem rostos que tinham invadido seu mundo.

Sentia em seu coração que um dos seres era feminino, usava jeans claro, muito nítido, sem rostos, eram muitos, já não cabiam todos naquele pequeno recinto. Todos seus semelhantes haviam desaparecido! Mas havia um bebê, esse que ela segurou de uma maneira nada convencional, segurava-o pela cabeça, suas pernas balançavam à medida em que ela corria para fora da casa.



Ao descer a rua constatou que também não havia mais nada, nenhuma edificação, no lugar uma vegetação densa aquele solo que agora parecia coberto de pez misturado a uma areia grossa e uma ausência total de luz.

Estava correndo, sempre com aquele bebê abalando as pernas bruscamente.

O ar era rarefeito, tentava gritar, mas não... No caminho cruzou com um carro de vidro cujos habitantes também não tinham rostos, iguais aos da casa. Ela sabia então que logo todos estariam juntos nas maravilhas de suas mentes.

Tudo tão estranho, sem rimas, sem poesia, sem amor.

Seria uma conspiração? Ela continuava a correr desesperada, sem entender nada, somente ela e aquele bebê. Quem seria esse, que ela tanto protegia? Onde estariam todos? Em meio à disparada, deparou-se com um cachorro, tentou comunicação, mas ele correu o mais rápido que pode e dobrou numa aresta desaparecendo como se tivesse muito medo dela.

Tocou o celular nitidamente em sua mente, mas estava sem ele e decidiu voltar à casa para pegá-lo, ele estava no mesmo lugar, todos haviam voltado, o cachorro, a mobília...

Dos seres sem rosto só sentia a presença da figura feminina que apanhou o bebê.

Entregou-o a ela como se isso realmente não fizesse mais nenhuma diferença e realmente não fazia.

Pensou em correr para fora novamente, mas sentiu que a figura feminina não queria fazer-lhe mau nenhum, teve um discernimento que não precisava mais correr, nunca precisou de fato.



Na sociopatia que limita e ao mesmo tempo liberta

No tempo monótono, mordaz, que não condiz com tudo isso que nos cerca.

O sonho continua vital! Realizado, sempre quer mais...

A música ouvida em tudo que há neste mundo, em exatamente tudo, até mesmo no silêncio.

O fragmento de uma memória

O limite é a vida!

Tudo estava no lugar, ninguém havia esvanecido, exceto ela.

AFOGADOS

Gabi Kirinus¹⁶

João sempre tomava um copo de uísque depois do trabalho para afogar os problemas diários entre dois cubos de gelo. Um dia, o bar fechou. Então, os problemas afogaram ele entre as duas margens do fétido rio que passava em frente ao seu trabalho.

¹⁶ Designer por formação, fotógrafa por paixão, escritora por amor.



TIE-BREAK

Moacir Luis Araldi¹⁷

Chegamos ao destino já no final de um dia de muito calor. De cara já percebi certo aspecto medieval na região.

Maria Luiza que dominava espanhol e se aventurava no inglês se encarregava de pedir informações. De Francês nenhuma palavra. Nem ela nem eu.

A ideia era vencer o percurso em trinta dias. Mas já no primeiro dia de caminhada sentimos que seria preciso muita resistência para buscar este objetivo.

À medida que subíamos em relação ao nível do mar parecia que ficava mais cansativo.

Eu olhava para a Malu, e lembrava-me dela reclamando do ponto que eu perdi no tie-break da final do campeonato de vôlei da liga.

Há muito nos tornamos amigos.

E nesta condição viajamos juntos. Mas nunca deixei de ter uma forte atração por ela.

¹⁷ Escritor e colaborador do Projeto Passo Fundo, lançou seu primeiro livro solo em 2014 intitulado Carbernet pela editora Aldeia Sul de Passo Fundo.

Morena alta, cabelos longos, olhos claros e com a pele bronzeada chamava ainda mais minha atenção.

Falávamos para todos que éramos irmãos para facilitar as coisas. E, convenientemente nos comportávamos.

Encontramos, naturalmente, gente de todas as partes do mundo.

A cada um dávamos a atenção possível. Era meio desconfortável ver as insinuações e os olhares pra cima da Malu. Mas ela sempre foi desenvolta e tirava até uma onda com os mais abusados.

Mulher decidida, bem resolvida, sabia que estávamos ali para fazer o percurso que dois anos antes começamos a planejar. Jogávamos na mesma equipe e trabalhávamos na mesma empresa isso tornou possível este planejamento sem muitos atropelos. Negociamos férias no mesmo mês. Verdade que não foi fácil à negociação, pois o setor ficou meio desguarnecido nestes dias.

Agora ali, vendo as paisagens lindas, apoiado pelo cajado e suportando a mochila nas costas estávamos felizes. Nestas horas percebe-se que dá pra viver apenas com o essencial. Era o que carregávamos nas mochilas, pois quanto mais leves melhor se suporta. Questão de resistência mesmo.

Terrível são as bolhas que se formam nos pés. Tínhamos esta informação e tomamos todos os cuidados, mas ainda assim não conseguimos evitar. O jeito era medicar sempre que estávamos nos albergues. Aliás, ficávamos nos públicos por uma questão de custos. Ainda assim eram melhores do que se podia imaginar. A diversidade de cultura acaba ajudando na aceitação de situações diferentes a



cada dia, a cada hospedagem, a cada conversa. Tudo muito diverso que chega a encantar. É preciso despir-se de valores preconcebidos para poder entender a grandeza deste momento que também é cultural.

Tinha dias que eu via a Malu meio cansada. Olhar contemplativo. Olheiras enormes, contudo sempre bem humorada. Ela conseguia me manter equilibrado emocionalmente. Um feito para poucos em situações assim.

O mais interessante é que a cada momento eu me sentia mais atraído por ela. Às vezes parecia que ela também estava gostando um pouco mais do que só estar comigo e da minha companhia. Por outro lado a insegurança me impedia de tentar qualquer aproximação amorosa. Afinal éramos amigos que agora se apresentavam como irmãos. Uma coisa meio embaraçosa.

No final do primeiro dia, em St Jean, ela tinha me dado um beijo no rosto que me marcou muito. Era um agradecimento por estarmos ali. Uma retribuição pelo carinho e atenção que eu dedicava a ela nesta viagem.

Mas confesso: Não esqueci o beijo.

O perfume dela me enchia de desejos. Mas nunca externei. Melhor não colocar em risco tudo o que projetamos curtir.

Trinta e cinco dias e oitocentos quilômetros depois, emagrecidos e meio exausto, finalmente avistamos a chegada. A ansiedade que aumentava a cada dia, ficou ainda maior.

Foram incontáveis passos irmanados nestes dias. Visivelmente emocionada, Malu se aproximou e estendeu-me os braços e eu perguntei a ela com lágrimas nos olhos e



voz embargada:

Quanto vale a realização deste sonho?

Chorando ela me abraçou e respondeu:

- Não sei, mas muito mais do que o ponto que você desperdiçou no tie-break.

Risos e choros se misturaram. Ela me apertava cada vez mais forte e gostosamente senti um arrepio percorrendo o meu corpo todo.

Inesperadamente beijou-me.

Foi apenas o primeiro, mas entendi que valeu a pena cada metro feito no cansativo caminho de Santiago de Compostela.



As imagens utilizadas para a capa dessa obra, são criações dos alunos do curso de Artes Visuais da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo, reproduzidos no muro do Colégio Protásio Alves com coordenação da professora Dra. Mariane L. Sbeghen.





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



Dinair Fernandes Pires é Natural de Santana do Livramento RS. Professora e escritora, escolheu Passo Fundo para estudar, trabalhar, constituir família e cultivar laços de amizade e companheirismo. Seus poemas e crônicas são publicados em jornais, revistas ou sites literários. Participou de dois concursos da COLEURB: "Poemas nos Ônibus", sendo premiada e tendo seus textos publicados nas coletâneas da Empresa nos anos 2003 e 2005. Colabora com a revista Água da Fonte da Academia Passo-Fundense de Letras e com o Projeto Passos Fundo onde participou das Coletâneas de 2011, 2013. Também participou do livro Poemas no Túnel da Academia Passo-Fundense de Letras. Em 2006, lançou o livro A vida em quatro estações e em 2014 o livro Textos no Varal.

Esta obra é significativa representação da literatura, através do Projeto Passo Fundo, na participação de:

Agostinho Both, Antonio Cabral Filho, Arthur Sussembach, Carlos Job, Gabi Kirinus, Gabriel Bastos, Julio Perez, Leon Nunes, Marcelo de Souza, Marcelo Henrique Noal, Miguel Guggiana, Moacir Luis Araldi, Pablo Cascadenoz (Pablo Roberto Salles da Silva), Paulo Monteiro, Pedro Du Bois, Rani (Raniel Henrique de Souza), Rosane F. de Souza, Sueli Gehlen Frosi



CASA MIOTTO

ISBN 978-858326147-6



9

788583

261476



Portal

Domínio Público

Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura